



Leve-me a Segurança

Duologia PRINCESA DO TRÁFICO *vol. II*

DA MESMA AUTORA DE UM CEO ENFEITIÇADO

JÉSSICA MACEDO



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

J É S S I C A M A C E D O

leve-me à
Segurança



Belo Horizonte | 2019

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Copyright ©2019 by Jéssica Macedo

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento ou a reprodução de qualquer parte desta obra - física ou eletrônica -, sem autorização prévia do autor. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Projeto Gráfico de Capa e Miolo

Jéssica Macedo

Preparação de texto

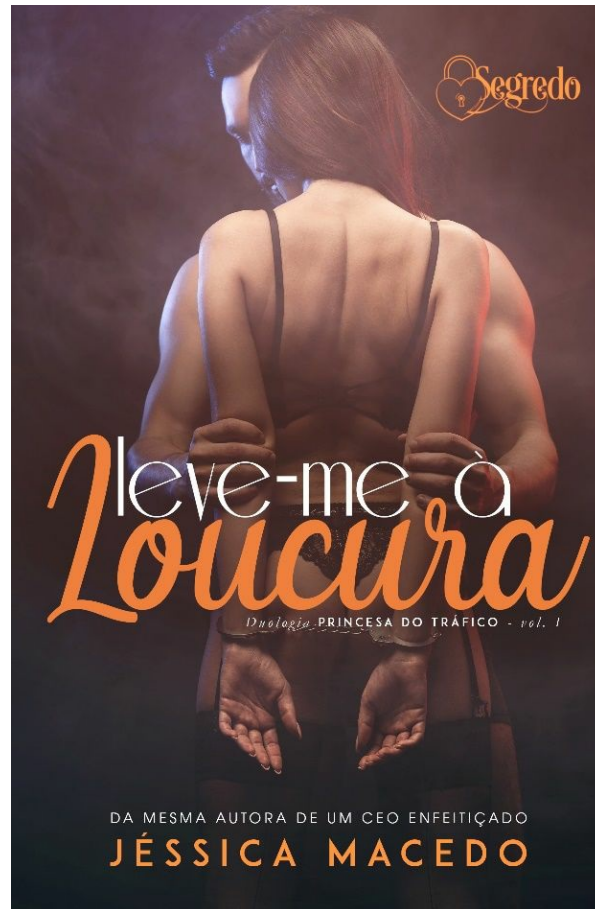
Aline Damasceno

Revisão

Gabriel Marquezini

Esta é uma obra de ficção. Nomes de pessoas, acontecimentos e locais que existam ou que tenham verdadeiramente existido em algum período da história foram usados para ambientar o enredo. Qualquer semelhança com a realidade terá sido mera coincidência.

Leia antes



Lucas sempre foi um policial exemplar, em todas as áreas, mas ele nunca imaginou que a sua beleza e charme um dia seriam usados como arma.

Trabalhando para a narcóticos na luta constante contra o tráfico em São Paulo, ele receberá uma missão um tanto inusitada: se infiltrar entre os bandidos para seduzir e conquistar a princesa do tráfico, filha de um dos maiores líderes de facção

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

criminosa no país.

Era simples, pegue, não se apegue e extraia as informações necessárias para prender todos os bandidos, porém em jogos que envolvem o coração as coisas nunca saem como esperado e Patrícia o levará à loucura.

[Clique aqui...](#)

PERIGOSAS ACHERON

Sumário

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze - Lucas

Treze

Quatorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Epílogo

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Um

Estremeci
ao
colocar a

mão sob a camisa do Lucas, sentindo a pele quente enquanto descia as unhas pelas costas dele, arranhando-o e fazendo-o estremecer. Ele não parou de chupar e lambeir meu seio. Lucas segurou minha mão livre contra o sofá enquanto pressionava seu pau ainda mais contra as minhas pernas. Eu o queria dentro e isso estava me deixando ofegante. *Entra logo!*

Sorri no instante em que ele se ajoelhou no sofá para abrir a bermuda. Eu poderia ficar muito puta toda vez que lembrava o que Lucas havia feito comigo, mas o desgraçado era muito gostoso. Só de

encarar aqueles olhos verdes eu queria tirar a roupa. Mordi os lábios e sorri ao ouvir o som do zíper sendo aberto... Então alguém foi arremessado contra a nossa porta e todo o cômodo tremeu. Ouvi o som de tiros e um deles atravessou a madeira e acertou a parede atrás de nós.

A porta cedeu e um corpo caiu para dentro do quarto.

Olhei para o Lucas e vesti a minha blusa.

— Temos que sair daqui. Agora!

Pulamos para trás do sofá e eu puxei a mão dele indo para dentro do banheiro. Tranquei a porta pouco antes de ouvir o som de passos chegando ao quarto onde estávamos há pouco. Meu coração estava disparado e a adrenalina no nível máximo, porém a vida havia me ensinado muito bem a lidar com situações de perigo.

— Onde está aquela vadia?

PERIGOSAS NACIONAIS

Olhei em volta do pequeno banheiro. Seria uma questão de tempo até que entrassem ali e para que Lucas e eu fôssemos furados com tantas balas que nos tornaríamos irreconhecíveis no enterro.

Ele olhou para a janela, depois voltou a me fitar.

— Tem uma caçamba de lixo lá embaixo que pode amenizar a nossa queda de três andares. Mas o bebê...

— Se eu morrer, ele com certeza corre mais risco. Quebra a porra dessa janela. — Tentei manter meu tom de voz o mais baixo possível por mais que quisesse gritar.

Lucas enrolou a toalha de banho ao redor do pulso antes de tomar distância e socar a janela com toda a sua força. O vidro se estilhaçou em milhares de fragmentos. Eu subi na pia e pulei da janela sem pensar muito. No instante em que estava caindo eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ouvi a porta sendo arrombada e Lucas saltou logo atrás de mim.

Caí em cima de um saco não muito macio e rolei para o lado para que o Lucas não me acetasse.

— Os desgraçados pularam. — Um dos homens que estava atrás de nós olhou para baixo no instante em que Lucas e eu saímos da caçamba.

— Não os deixem fugir. — Um segundo apontou a arma na nossa direção e começou a atirar, por sorte a mira dele era péssima.

Lucas segurou a minha mão e começamos a correr pelo beco atrás do hotel até cair na avenida da frente. Os nossos perseguidores pularam também e quando olhei para trás, eles estavam nos seguindo. Continuamos a correr, Lucas acabou tendo que soltar a minha mão, porque era bem mais difícil me esquivar das pessoas que caminhavam na rua grudada nele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Licença... Oh, sai da frente! — Eu empurrava e puxava as pessoas para o lado enquanto tentava passar.

Fiquei me perguntando qual era o idiota na polícia que achou que um hotel no Brás seria o lugar mais seguro para deixar o Lucas e eu. Agora estávamos sendo perseguidos por assassinos num centro tumultuado com um monte de pessoas que poderiam acabar sendo mortas no fogo cruzado.

— Tenha cuidado por onde anda, menina! — brigou uma senhora a qual eu não dei ouvidos.

Meus joelhos começavam a doer. Eu estava exausta, confesso que o meu físico poderia ter sido uma prioridade na minha vida, porém nunca imaginei que um dia precisaria fugir dos homens que costumavam trabalhar para mim.

— Venha! — Lucas me puxou pelo braço de novo e dobramos a esquina. Seguimos até a estação

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de metrô junto do alto fluxo de pessoas no local, já que estávamos perto o horário de pico.

Os caras que tentavam nos matar ainda estavam em nosso encalço e não foram facilmente despistados. Chegamos até as escadas rolantes e eu olhei com o canto do olho e vi os homens entrando na estação, passar pela muvuca sem esbarrar em um ou outro pelo caminho era igualmente difícil para eles.

Empurrei uma mulher para o lado que xingou alguma coisa que eu não dei a mínima, e desci correndo a escada rolante. Seguimos até a plataforma e pulamos as catracas.

— Vocês não podem fazer isso! — gritou um dos seguranças a qual também não demos ouvidos.

Quando ele estava prestes a vir atrás de nós acabou ficando no caminho dos nossos perseguidores e os atrasou.

PERIGOSAS ACHERON

— Vocês não vão...

Antes que o segurança pudesse impedir que os homens viessem atrás da gente, ele foi atingido por um tiro no estômago e tombou para o lado. O som do disparo fez com que as pessoas se afastassem assustadas.

— Vem logo! — Lucas me puxou pelo pulso e entramos para dentro de um dos trens que acabava de chegar na plataforma.

Pouco depois que a porta se fechou e eu vi os nossos perseguidores pararem na plataforma. Era tarde demais para pegarem o mesmo metrô que nós.

— Nossa! — Segurei em uma das barras de metal e respirei fundo diversas vezes.

— Está tudo bem, senhorita? — Uma senhora sentada em um banco próximo tombou a cabeça na nossa direção.

— Sim! — Passei a mão pela testa, jogando o

PERIGOSAS NACIONAIS

cabelo suado para trás.

— Estavam correndo bastante.

— Estamos nos preparando para uma meia-maratona — Lucas deu a resposta mais idiota e menos criativa que ele poderia.

— De chinelos? Achei que tênis fossem o sapato mais adequado.

— Ele estava brincando. — Puxei ele pelo braço e nos afastamos da velha enxerida. Tudo o que não precisávamos agora era alguém fazendo perguntas.

— Patrícia, você está bem? — Lucas fitou profundamente os meus olhos enquanto passávamos por um túnel e nossos rostos eram cortados pelas sombras como se fossem grades se fechando sobre nós.

— Eu fui ingênua. — Respirei fundo e desviei o olhar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Do que está falando? — Ele colocou a sua mão pesada e firme sobre a minha bochecha me forçando a fitá-lo.

— Achar que ficaríamos bem. Que só bastava entregar todo mundo que poderíamos brincar de casinha com o nosso filho como se eu não tivesse levado a merda de vida que eu levei.

— Calma, Patrícia!

— Calma porra nenhuma! Tomar no seu cu para deixar de ser idiota. Mesmo preso meu pai ainda tem influência aqui fora, influência para caralho. Ele vai nos perseguir, Lucas. Vai nos matar!

— Calma! — Ele me abraçou. Como se aqueles malditos músculos que me envolveram e me fizeram abrir as pernas para ele tantas vezes fossem resolver nossos problemas. *Estávamos fudidos.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu tremia e me segurava para não chorar de desespero. Meu mundo era um lugar onde só se saía a num caixão. Eu cresci a vida toda sabendo bem disso, fui muito ingênua ao pensar que ter me apaixonado por um policial mudaria as coisas.

— Vamos dar um jeito nisso. — Ele ergueu meu rosto e beijou minha testa.

— Ou você acha que é um super-herói ou é muito idiota.

— Vamos falar com a Suzana. Pedir uma segurança melhor até o dia do julgamento do seu pai, talvez depois que ele for para a segurança máxima possamos nos mudar. Dizem que as coisas são bem mais tranquilas em Belo Horizonte. Ou podemos ir para mais longe, Porto Alegre, quem sabe outro país.

— Lucas, só teremos paz quando o meu pai morrer, ou a gente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele torceu a cara, era óbvio que não gostava de me ouvir falando assim, porém eu podia puxar o band-aid e aguentar uma cara feia se isso melhorasse um pouco as nossas chances, se é que tínhamos alguma. Meu pai e o Coringa poderiam terem sido presos com o meu depoimento e as provas que forneci contra eles, porém ainda havia muitos pau-mandados deles aqui fora. Eles não iam se cansar até ter a minha cabeça numa bandeja.

Saímos do metrô na Estação da Sé e depois seguimos pela linha azul até a Estação da Luz, onde seguimos pela linha amarela até a Paulista. Fizemos a última baldeação pela linha verde até descermos em Sumaré.

Não tínhamos dinheiro nem comida, e naquela altura, no final do dia, a situação já estava começando a ficar preocupante. Havíamos despistado os nossos perseguidores, mas eu não

PERIGOSAS ACHERON

tinha a menor ideia de para onde iríamos. Além disso, estava ficando faminta. Eu não quis pensar muito na gravidez, nem no fato de que uma criaturinha estava crescendo dentro de mim para acabar no meio daquela confusão toda.

— Não podemos ficar de um lado para o outro dentro do metrô para sempre. — Encarei Lucas ao limpar o filete de água que havia escorrido pelo meu queixo quando acabei de tomar água na estação do metrô.

— Precisamos pedir ajuda. — Ele coçou a barba no queixo ao apoiar um dos pés na parede.

— Ah, quem? Vamos ligar para o meu pai? — Sorri sarcástica. — Ele vai vir mesmo correndo para nos socorrer. Tenho certeza disso.

— Patrícia não começa!

— Eu deveria ter deixado o Coringa meter uma bala na sua cabeça quando descobri que você

PERIGOSAS NACIONAIS

era a porra de um policial. Se tivesse segurado as minhas pernas, talvez não tivesse no meio dessa merda toda.

— Patrícia... — Ele recuou ao baixar o rosto.

Eu estava alterada, dizendo um monte de coisas que certamente me arrependeria no segundo seguinte. Eu não deixaria que matassem o Lucas, mesmo que eu tivesse outra chance de fazer tudo de novo, ainda que soubesse que para isso acabaria colocando o meu na reta, que teria que escolher entre o meu pai desgraçado que sempre me usou como um peão no seu sádico jogo e o cara que mentia para mim para passar informações para polícia. Eu era mesmo uma estúpida, tinha certeza disso toda vez que pensava a respeito. Me deixar cair de amores por um policial era a coisa mais estúpida que eu já havia feito, ainda assim eu não conseguia me arrepender.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu vou ligar para a minha irmã. Talvez possamos ficar na casa dela por um tempo. — Ele balançou a cabeça. Pelo visto não era a única ali completamente desnorteada.

— Não! — Segurei a mão dele antes que pegasse no telefone público. — Os homens do meu pai já devem ter a ficha dela. Devem estar vigiando-a. Envolver ela nisso só vai colocá-la mais em risco e vai trazê-los direto para nós.

— Você tem razão. — Ele suspirou deixando o telefone escorregar por entre seus dedos. — Mas o que vamos fazer?

— E aquele apartamento dos seus pais que ficamos quando você estava mal? Podemos voltar para lá ao menos até encontrar algum outro lugar. Alguém da polícia sabe dele além da sua chefe?

— Acho que não. — Lucas franziu o cenho. — Tem alguns trocados que sobrou da padaria no

meu bolso. Acho que podemos ir de metrô e terminar de chegar lá de ônibus.

— Daria tudo por um táxi. — Suspirei. — Mas tudo bem, podemos ir de ônibus. — Assenti e voltamos para o interior do vagão que parou na plataforma.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Dois

Quando o Lucas abriu a porta do apartamento, deixei que meu corpo tombasse para cima de um dos sofás da sala. Poucas vezes na vida eu estivera tão cansada. Era como se um caminhão tivesse passado em cima de mim e dado a ré.

— Por que não vai tomar banho? — Ele se ajoelhou ao meu lado e me deu um rápido selinho. — Vou ver se tem dinheiro aqui em algum lugar e comprar alguma coisa para comermos.

— Me parece uma boa ideia. — Impulsionei o corpo para frente e fiquei de pé. — Sei o caminho para o chuveiro. — Tirei a camiseta e a joguei pelo corredor.

PERIGOSAS NACIONAIS

Em muitas outras ocasiões eu teria chamado o Lucas para entrar comigo. Teríamos trepado no chuveiro até eu não conseguir mais sentar, porém depois do que havíamos passado, eu só queria tomar um banho.

Enquanto eu abri o registro do chuveiro e a água quente caía sobre a minha cabeça eu fechei os meus olhos e deixei que meus pensamentos vagassem. Eu deveria ter desconfiado quando o Lucas entrou naquele bar. Ele era fabricado demais para ser real, sabia tudo o que eu queria, o que eu gostava e como gostava. Eu já havia transado com mais caras do que conseguia contar nos dedos das mãos e nenhum deles se preocupou com o que eu sentia, sequer se eu queria isso. Talvez tivesse desconfiado na primeira vez que ele me fez gozar, mas achei que poderia aproveitar um pouco mais. Aproveitei tanto que acabei grávida. Ri sozinha e engoli um pouco de água.

PERIGOSAS ACHERON

Não que eu tivesse odiado isso, porém eu nunca fiz o tipo mãe. Nem tinha referência para isso, já que a minha esteve presente na minha vida de forma insignificante, ela passava mais tempo chapada do que dizendo qualquer coisa relevante. Nunca pude contar com ela, minha mãe jamais esteve ao meu lado ou me defendeu para qualquer coisa. Mesmo antes de morrer no ano anterior ela não fazia a menor diferença. Além de tudo isso, eu estava correndo o risco de ser morta no próximo instante pelos capangas do meu pai, preso graças a mim, não tornava aquele o melhor momento para termos uma criança. Porém ela estava ali... acariciei meu ventre por onde a água do chuveiro escorria.

Ainda me recordava de como fiquei em choque olhando para o teste de gravidez e tentando pensar em como lidaria com aquilo, para descobrir logo em seguida que tudo o que eu sabia sobre o Lucas não era verdade. Ao menos não tudo... Meus

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

olhos foram guiados para o brilho dourado no meu dedo. A aliança... o pedido de casamento que o Lucas havia me feito naquela mesma manhã. Até que meu sonho foi ao chão com tiros de bala, eu tinha imaginado que teria uma vida como qualquer outra mulher e isso tinha me deixado feliz.

Eu o amava pra caralho, mesmo sabendo que ele tinha mentido para mim. Se eu havia entregado todo o mundo que eu conhecia era na esperança de que pudéssemos construir um lugar onde viveríamos felizes. Nunca fui do tipo sonhadora, que fazia planos e esperava o seu *felizes para sempre*, meu mundo não cabia isso. Nunca tive a quem me apegar, até o Lucas aparecer e virar tudo isso de cabeça para baixo.

— Paty, está tudo bem aí dentro? — Ele bateu na porta.

— Já voltou?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, eu trouxe pizza.

Meu estômago se revirou ao imaginar. Estava faminta.

Sai do chuveiro pingando e abri a porta. Lucas que estava escorado nela, cambaleou para dentro e eu o puxei pela gola da camisa.

— Foi mal por ter gritado com você mais cedo. — Empurrei-o contra a parede, marcando minha mão molhada na sua camisa.

— Tudo bem. — Ele sorriu. — Não foi um dia fácil para nenhum de nós.

— Será que vamos sobreviver a isso?

Ele contornou meu rosto com a ponta dos dedos e ergueu meu queixo, fazendo com que eu o encarasse.

— Nós precisamos, seremos pais.

Quando Lucas envolveu minha cintura com

PERIGOSAS ACHERON

seu braço musculoso e me puxou contra o seu peito, espremendo meus seios molhados, eu estremeci. Lembrei-me de onde havíamos parado antes de sermos interrompidos pelos capangas do meu pai.

Segurei ele pela gola da camisa e trouxe a sua boca até a minha. Lucas me pressionou com mais força e se rendeu ao meu beijo. Minha língua procurou a dele como se fossem ímãs atraindo uma a outra. Aquela boca era uma delícia e eu não enjoava de provar dela.

— Não estava com fome? — Lucas se afastou apenas o suficiente para perguntar.

— A pizza pode esperar um pouco. — Escorreguei minhas unhas até a cintura dele, fazendo-o estremecer.

Lucas abocanhou meu lábio inferior antes de voltar a me beijar e eu, ainda molhada, arrepiei

PERIGOSAS NACIONAIS

inteira. Eu poderia morrer no instante seguinte, considerando que aqueles malditos sempre apareciam nos momentos mais inoportunos, e se isso acontecesse, queria aproveitar o máximo possível do Lucas. Fazer valer o fato de ter escolhido ele e desandado a minha vida toda por isso.

Ele contornou meu corpo com suas mãos grandes abertas, pressionando e moldando a minha pele enquanto eu ronronava e me encolhia mais ao corpo dele, como um gato. Lucas me girou e me pressionou contra a parede. Vi seus olhos se afunilarem e seus lábios se curvarem em um sorriso malicioso, com aquela expressão de que estava prestes a me devorar que eu adorava tanto. *Vamos, meu tigre, me faça gemer!*

Lucas mordeu a base do meu pescoço e eu soltei um gritinho. Fechei os olhos e encostei a

PERIGOSAS ACHERON

cabeça na parede, enquanto os lábios quentes e úmidos iam escorregando, aquecendo e resfriando a área por onde passavam. Ele desceu com a língua pelo vale entre os meus seios, enquanto meu corpo se desfazia em arrepios e pequenos espasmos, até que lambeu um dos mamilos duros e o abocanhou, mordendo de leve. Eu soltei um gritinho e estiquei o corpo contra a parede. Ele agarrou a minha cintura com as duas mãos sem qualquer cerimônia ou cuidado, bem do jeito que eu gostava e me fez ficar quieta enquanto mordida e lambia os meus seios. Ora provocava prazer e ora alternava com uma leve dor, me deixando louca. Tinha certeza de que ele gostava disso, pois sabia muito bem como fazer.

Lucas foi se ajoelhando, enquanto a sua língua capturava as gotas d'água pelo meu ventre, onde ele deu alguns beijinhos antes de se posicionar entre as minhas pernas. Vi o sol se pondo pela

PERIGOSAS ACHERON

janela antes de voltar a fechar os olhos quando ele cutucou meu clítoris com a ponta da língua e eu abri ainda mais as pernas para que Lucas pudesse ajeitar a sua cabeça entre elas. Vibrei com o ar quente do seu fôlego sendo soprado contra a minha vagina antes dele começar a dar pequenas pancadinhas com a ponta da língua, enquanto suas mãos habilidosas traçavam a linha da minha virilha aumentando a minha sensibilidade e prazer. Isso me fez vibrar e arrancou dos meus lábios um gemido alto. Rebolei contra a parede quando ele introduziu um dedo em mim sem me dar descanso com sua língua muito hábil. Ele me chupava, me lambia e me enlouquecia. Já estava começando a sentir minhas pernas bambas e ainda nem tinha gozado.

Agarrei ele pelos ombros e o fiz ficar de pé. Ele me encarou com um sorriso sutil enquanto baixava a bermuda. Já me conhecia o bastante para

PERIGOSAS ACHERON

saber que eu o queria dentro. Queria ele bem no fundo. Lucas segurou a minha coxa, e eu envolvi sua cintura com a perna enquanto escorregava para dentro de mim. Tão excitada como eu estava, deslizou com facilidade.

Estendi a mão para cravar as unhas em seu ombro, mas Lucas a segurou no meio do caminho e a pressionou contra a parede, restringindo os meus movimentos enquanto investia pra dentro de mim. Meu corpo vibrava, estremecia e se arrepiava mais, a cada vez que ele deliciosamente escorregava para fora apenas para meter em mim de novo.

— Me beija! — Era para ser uma ordem, mas eu estava tão entorpecida que soou como um sussurro, quase uma súplica.

Mas Lucas atendeu. Tomou minha boca sem ressalvas assim como tomava o meu corpo. Sua língua tocando a minha em frenesi, nossas salivas e

PERIGOSAS NACIONAIS

fôlegos se misturando em uma batalha intensa e voraz, enquanto seu quadril se movia contra o meu corpo e seu pênis entrava em mim com afinco em deliciosas estocadas. Eu pude me esquecer de qualquer perigo e me entregar ao prazer que ele me fazia sentir.

Cravei a unha na mão dele enquanto Lucas ainda segurava meu pulso firme contra a parede. Mordi seu lábio e ele enfiou com força. Mordi de novo e ele pressionou seu quadril me apertando contra a parede. Seu pênis tocando a entrada do meu útero de tão profundo. Eu resfoleguei contra a sua boca e ele voltou a se mover.

Não consegui conter mais e deixei o prazer atingir meu corpo com a intensidade de uma batida e deixar tudo girando. Por sorte o Lucas ainda me segurava firme, porque eu perdi o controle das minhas próprias pernas. Bamba e perdida nos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

espasmos do meu corpo, eu desfrutei do orgasmo enquanto ele durou.

Senti os músculos do Lucas ficarem rígidos e ele parou de se mover enquanto ejaculava dentro de mim. Já era meio tarde para evitar fazer aquilo, eu estava grávida.

Assim que o prazer passou completamente eu me senti mais tonta do que o comum. A pia do banheiro atrás de nós começou a dançar na minha frente e foi como se eu tivesse na parte de baixo de uma montanha russa. Do nada, em um súbito movimento o meu estômago revirou. Empurrei Lucas para o lado e cai de joelhos diante do vaso. Coloquei para fora coisas que nem havia comido. O que ainda existia de nutriente no meu corpo foi embora naquela descarga.

— Patrícia, você está bem? — Lucas me segurou pelos ombros, preocupado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou. É só o nosso filho que acha que eu não preciso de nada no estômago.

— Precisamos ir ao médico. — Começou a massagear meus ombros.

— Toda grávida fica enjoada, não se preocupe. Esse não é um privilégio só meu.

— Não brinca com isso. — Ele cruzou os braços e fechou a cara para mim.

— Gosto disso. — Eu me levantei ao voltar para o chuveiro. Precisava de outro banho.

— Disso o quê? — Lucas franziu as perfeitas sobrancelhas grossas.

— Gosto de você preocupado comigo. Não tô acostumada com isso. Mas é bom.

Ele tirou a camisa e entrou debaixo do chuveiro comigo, abraçando-me por trás. Beijou meu ombro antes de começar a sorrir.

PERIGOSAS ACHERON

— Pois pode se acostumar com isso. Seremos uma família agora, Patrícia.

— Como as coisas são engraçadas, né? — Comecei a sorrir.

Ele franziu o cenho e balançou a cabeça sem entender.

— Por quê?

— Você é um policial bonito, bem-sucedido, com uma família decente, mas acabou na cama de alguém como eu. Eu nunca fui a menina boa, confesso que gosto disso. Mas ficar grávida de um policial definitivamente não estava nos meus planos.

— Está dizendo que não sou o pai que esperava para o seu filho? — Ele ergueu uma sobrancelha e me olhou torto.

— É só improvável. — Sorri ao me virar de frente pra ele e escorregar meus dedos pelo seu

PERIGOSAS ACHERON

peito nu assim como a água do chuveiro fazia.

Lucas não era o cara mais provável a me engravidar. Não... Mas se estivesse num banco de esperma seria um ótimo candidato. Quase gargalhei com o pensamento idiota. Porém, quem deixaria passar aquele peito escultural? Além dos ombros largos, os músculos bem torneados dos braços. Aquela bunda quadrada que eu precisava resistir muito para não dar uns tapas e os penetrantes olhos verdes, que por si só já eram uma grande perdição. Esperava que o nosso filho ou filha tivesse os olhos do pai.

Sim, estávamos correndo risco para caralho. Grávida, eu havia pulado do terceiro andar de um hotel, corrido por uma avenida, pulado a catraca do metrô e corrido até a plataforma, correndo o risco de ter tomado vários tiros pelo caminho. Porém, eu não podia dizer que estava arrependida. Eu faria

PERIGOSAS NACIONAIS

tudo de novo... Xingaria, brigaria, mandaria o Lucas para puta que pariu por ter mentido para mim, mas no fim das contas eu o teria salvado mesmo colocando o meu na reta. A forma como ele me fazia sentir, o carinho que ele demonstrava valia a pena o risco.

E daí se eu havia entregue toda a facção? Eles mereciam isso! não era como se fossemos uma *mega* família onde um protegia o outro. Meu pai me usava como bucha de canhão e se eu tivesse me estrepado em qualquer outro momento ele nem ligaria.

Não era tola para achar que quando meu pai fosse preso com a ajuda do meu depoimento eu poderia deixar para trás toda a vida criminosa que havia levado e viver meu *felizes para sempre* com o Lucas. Isso não ia acontecer, meu pai só pararia de nos procurar quando eu metesse uma bala bem no

PERIGOSAS ACHERON

meio da cabeça dele. Eu estava pronta para quando essa oportunidade aparecesse. Meu pai nunca teve misericórdia comigo e eu também não teria com ele.

— Vamos sair do chuveiro? — Lucas beijou a ponta dos meus dedos. — Já está ficando enrugada. — Riu.

— É pra você já ir se acostumando com como eu serei quando ficar velha. Já que me pediu em casamento, imagino que queria me ver envelhecer.

— Sabe que não é bem assim que funciona, não é?

— Já está supondo que morrerei antes? — Torci o nariz.

— Não! — ele gargalhou. — Estou falando da sua aparência. — Fechou o chuveiro e me puxou para fora com ele.

Lucas pegou uma toalha que havíamos

PERIGOSAS ACHERON

deixado ali da última vez que estivemos no lugar e começou a me secar, parte por parte. Com muito cuidado.

— Tem coisas aqui que vão mudar muito enquanto você envelhece. — Ele deu um beijinho nos meus seios. — Não são apenas algumas rugas.

Fiz uma careta.

— Me lembrar que meus seios vão cair é sacanagem, seu merda.

— Eu não disse nada. — Lucas gargalhou. — Eu a amo, Patrícia. — Me envolveu em seu peito e me beijou com carinho. — Amo muito você.

— Eu também, Lucas. — Acaricieei o rosto dele.

— Vou ver se acho alguma roupa da minha irmã por aqui para que você possa usar. Já que não trouxe nenhuma roupa com a gente.

— Não tivemos tempo de fazer as malas. —

Dei de ombros.

— A pizza está na mesa da cozinha. — Ele deixou o banheiro.

Sai logo atrás enrolada na toalha. Estava um pouco frio e os pelos do meu corpo se arrepiaram. Esperava que ele encontrasse algo quente para que eu pudesse vestir ou ele teria que me aquecer a noite toda, o que eu não acharia nem um pouco ruim.

Caminhei até a cozinha guiada pelo cheiro da pizza de marguerita. O aroma do manjeriço era bem característico e me lembrava as procissões religiosas que eu era obrigada a ir quando criança por uma senhora que cuidava de mim. Dona Lurdes, não sabia o que o destino havia reservado para ela e não gostava de pensar muito nisso. Eu já tinha desgrças o suficiente para mim mesma.

Abri a caixa da pizza e peguei uma fatia com a

mão mesmo, abocanhando a muçarela que havia espichado como um chiclete. Liguei a televisão e me sentei em uma cadeira. Estava passando o noticiário da noite e após uma reportagem sobre orquídeas no parque Ibirapuera, eles começaram a exibir imagens do metrô. A estação do Brás onde Lucas e eu havíamos pulado a catraca fugindo dos nossos perseguidores. E pelo visto o segurança do lugar acabou morto. Nas imagens exibidas pelo telejornal, Lucas e eu aparecemos saltando as roletas, mas nossos rostos estão borrados, diferente do que pertence ao assassino que matou o segurança. Provavelmente a polícia deveria estar no pé dele naquele mesmo instante, o que para nós não era de tudo tão ruim. Quanto mais o esquema do meu pai fosse atrapalhado, mais fácil seria manter meu paradeiro longe dele.

— O que está assistindo? — Lucas colocou a roupa na minha frente sobre a mesa e puxou uma

PERIGOSAS ACHERON

cadeira para se sentar ao meu lado.

— Estamos na TV. — Abri um sorriso amarelo antes de dar outra boa mordida na fatia de pizza.

— Que merda! — Ele esbravejou.

— Será que sabem onde nós estamos? — Ele começou a coçar a cabeça.

— Relaxa. — Estendi a mão e acariciei o ombro dele. — Com o ziguezague que fizemos entre as linhas de metrô é quase impossível saberem onde descemos. Fora os ônibus que pegamos para chegar aqui. Acho que enquanto meu pai não tiver acesso a todos os imóveis que pertencem a sua família ficaremos bem. Esse não era endereço cadastral de nada, não é?

— Não. Meus pais nunca moraram aqui. Compraram para alugar. Eu fiquei por um tempo, mas não cadastrei em nada. Foi só até o meu

apartamento ser entregue.

— Tá. — Mordi os lábios pensativa. Provavelmente o condomínio e a conta de luz daquele apartamento deveria estar no nome de algum dos pais do Lucas, mas teríamos um certo tempo até que meu pai começasse a procurar por isso. Por hora, se nenhum corrupto na polícia soubesse onde estávamos, tudo ficaria bem.

— Não é seguro ficarmos aqui por muito tempo, *né?* — Ele me encarou.

Balancei a cabeça em negativa e devolvi o seu olhar.

— Não. Acho que o melhor seria irmos para bem longe, ainda que eu ache que meu pai vai nos procurar até na lua.

— Não podemos ir para muito longe. Precisamos ficar aqui para testemunhar no julgamento contra o seu pai. Somos peças chave

PERIGOSAS NACIONAIS

para que ele fique para sempre na cadeia.

— Eu não vou testemunhar. — Engoli em seco e senti a cor fugir do meu rosto.

— Patrícia...

— Você ficou louco? Ele vai botar uma bala na nossa cabeça antes de chegarmos ao tribunal. Meu depoimento naquele dia o pegou de surpresa, ele não esperava por isso e mesmo assim tentaram me matar, imagina só num julgamento onde ele tem certeza que a promotoria precisa de mim para fortalecer o caso contra ele. Desencana, Lucas! Eu não quero morrer.

— Paty! — Ele colocou a mão sobre o meu ombro e eu me esquivei.

— Eu preciso ficar viva por pelo menos oito meses. Ou você não quer que esse bebê nasça? — Coloquei a mão sobre a barriga e o encarei com fúria.

PERIGOSAS ACHERON

Lucas desviou o olhar e engoliu em seco. Eu tinha pegado pesado e sabia bem disso, porém foi o jeito que encontrei para colocar um pouco de realidade na cabeça dele. Nós éramos um alvo e tentar depor contra o meu pai só colocaria a mira direto nas nossas cabeças. Eu não duvidava que um atirador poderia tentar me matar quando eu sentasse no banco da testemunha, não importando que estivesse bem diante de todos.

— Vamos conseguir proteção — disse ele muitos minutos depois, como se estivesse se afogando nos próprios pensamentos.

— Como nos protegeram hoje? — Revirei os olhos. — Caso tenha se esquecido, estávamos sob proteção policial quando tentaram nos matar.

— Deve ter havido alguma falha.

— Sempre há uma falha, Lucas. — Ri com sarcasmo. — Sabe quantos policiais estão na folha

PERIGOSAS NACIONAIS

de pagamento do meu pai? A maioria! Têm civil, militar, federal. Todos eles. Se não fosse por aquela sua chefe que mostrou que podemos confiar nela, eu não confiaria em tira nenhum. Todos eles têm um preço. Acho que até sua chefe.

— Ela não entregaria a gente. — Lucas soltou seu pedaço de pizza dentro da caixa e me mostrou os dentes.

— Ela tem família, né? Pelo que eu sei: um médico já que usa aliança. Acha que ela não diria onde estamos se ameaçassem a família dela?

Ele recuou contra o encosto da cadeira e assentiu. Foi obrigado a concordar comigo quando percebeu que eu estava sendo coerente.

— Todos nós temos um ponto fraco. Ou se esqueceu de que foi mandado pela polícia para explorar o meu fraco por bonitões protetores? — Gargalhei.

PERIGOSAS ACHERON

— Curtiu colocar o dedo na ferida, *hein?*

— Só estou sendo sincera. Todos nós fazemos coisas impensáveis com o incentivo certo.

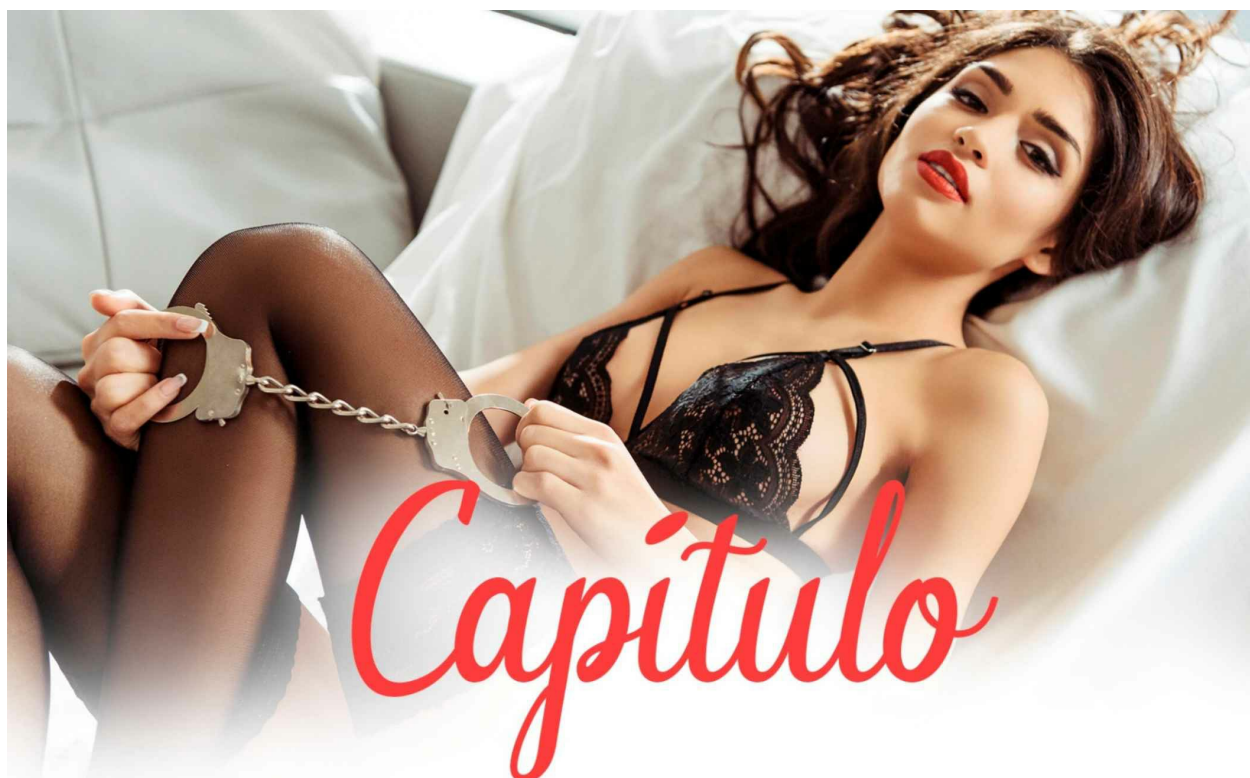
— Você tem razão. — Ele assentiu apesar de parecer terrivelmente abalado com isso. — É melhor não confiarmos em ninguém até seu pai e os homens dele não serem mais uma ameaça.

Sorri ao fazer carinho no rosto do Lucas. Podia não estar sendo fácil para mim, mas imaginava que para ele também não.

Estava prestes a subir no colo dele e beijá-lo quando a campainha tocou.

Lucas arregalou os olhos e eu paralisei.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Três

P

ediú para entregarem alguma comida aqui? — Eu o encarei tateando a mesa em busca de uma arma que certamente não estava lá.

— Não estou esperando ninguém.

— Que ótimo! — Fui até o armário da cozinha e peguei duas facas. Não que elas fossem me proteger de pistolas e metralhadoras, mas eram a única arma a o meu alcance.

— Lucas — alguém chamou da porta. —, vocês estão aí?

— Suzana? — Ele virou a cabeça como se tentasse ouvir melhor.

— Sim, eu estou sozinha. Podem abrir?

— Não sei não. — Entreguei uma das facas para ele.

— Relaxa, Paty, é a Suzana, nós podemos confiar nela.

Revirei os olhos e bufei.

— Qual a parte do não confiar em ninguém acabamos de decidir aqui e você resolveu ignorar?

— Antes mesmo que eu tivesse terminado de falar, Lucas foi abrir a porta para a chefe.

Isso me deixou furiosa. *Filho da puta! Será que ele comia ela?* Não tive tempo de descarregar a minha raiva, porque assim que cheguei na sala eu a vi entrando. Vestida com um casaco preto ainda que estivesse uma temperatura amena e com os cabelos escuros escondendo parte do rosto e os

olhos verdes. Bom, ao menos ela estava tentando ser discreta.

— Suzana, o que faz aqui? — Lucas se virou para encará-la assim que fechou a porta atrás deles.

— Depois que eu soube que vocês foram atacados no hotel... — Ela se sentou no sofá sem ser convidada e eu cerrei as mãos em punhos. Fechei os dentes com os lábios fechados, contudo não contive a minha expressão de poucos amigos. — Imaginei que esse era o lugar seguro para onde poderiam ter vindo. Estou contente por estarem bem.

— Pelo visto não é assim tão seguro. — Coloquei-me atrás do Lucas e mantive a expressão séria.

— Desculpa pelo que aconteceu, Patrícia. — Ela tentou ser gentil comigo, no entanto eu não engoliria isso tão fácil. — Estou trabalhando para

descobrir quem vazou a informação sobre onde vocês estavam. Tem um novo abrigo para onde quero levá-los, tenho certeza que lá será muito mais seguro.

— Aceito dinheiro e documentos falsos, mas nós não vamos a lugar nenhum com você. — Cruzei os braços e mantive minha postura.

— Patrícia! — Lucas olhou torto para mim, porém eu não recuei. Eu queria sobreviver e já havia aprendido que a forma mais eficaz era sendo bem dura perante qualquer ameaça.

— O quê? Não adianta olhar com essa cara. Não importa para onde iremos. Se a polícia souber não vai demorar até que essa informação chegue a algum corrupto e esse me entregue para os homens do meu pai. Não estaremos seguros nunca.

— São homens de minha total confiança — Suzana suspirou. —, mas você tem razão. Conhece

seu pai e os homens dele muito melhor do que eu, por isso precisamos tanto de você: bem e viva. Vamos pensar em uma outra forma de vocês se esconderem até o julgamento.

Pensei em dizer que não iria depor no julgamento. Não queria me colocar em um risco tão grande e nem ao bebê que eu carregava, porém achei que talvez não fosse o melhor momento para dizer isso. Ainda iria precisar dela.

— Como está o bebê? — Suzana sorriu e tentou dar um ar mais descontraído para a conversa, talvez tentando romper a barreira que eu instantaneamente havia criado entre nós duas.

— Bem. — Por reflexo acariciei a barriga. — Estou só um pouco enjoada.

— O primeiro trimestre é assim mesmo, mas logo tudo estabiliza.

— Obrigada. — Não rendi assunto. Esse

definitivamente não era o tipo de tema que eu queria tratar com ela.

— Eu vou deixar vocês sozinhos. — Suzana se levantou, colocando as mãos nos bolsos. — Amanhã cedo vou pedir que entreguem algum dinheiro, para que possam se manter nos próximos meses. — Ela encarou o Lucas. — Pode se encontrar com o Murilo na praça a quatro quarteirões daqui?

Lucas fez que sim.

— Ótimo! Ele vai estar lá às nove da manhã.

— Obrigado!

— Não fiquem aqui muito tempo. Antes de sair eu pesquisei toda a ficha do Lucas e encontrei esse endereço em um dos registros antigos quando ele ainda estava na academia. São documentos restritos, mas não posso garantir que ninguém mais tenha acesso a isso. Recomendo que fiquem em

albergues ou motéis, que tem pouca ou nenhuma fiscalização dos hóspedes. Paguem em dinheiro e usem nomes falsos caso perguntem.

— Como sabe tão bem disso tudo? — questionei ela, não consegui guardar para mim aquela pergunta que me corroía.

— Vocês não são os primeiros a precisar fugir pra não acabar com uma bala na cabeça. — Ela abriu um sorriso amarelo sem nos dar muitas explicações. — Se precisarem de mim sabem onde me encontrar. Espero que fiquem bem.

Suzana saiu pela porta e foi embora sem que o Lucas mostrasse a saída. Fiquei por algum tempo absorvendo a presença dela que ainda estava por toda a sala antes de me virar para ele.

— Vocês tinham ou ainda tem um caso?

— Quê? — Lucas arregalou os olhos e cambaleou alguns passos para trás. — Patrícia, de

onde você tirou uma coisa dessas?!

— Me responde. Vocês já transaram?

— Claro que não! — Ele estava gritando. Por mais que não fosse adequado que chamássemos atenção para nós. — O que fez você pensar isso?

— Ela parece tão preocupada com você. — Recuei um pouco ao ver que ele estava furioso.

— Talvez porque ela tenha um pouco de crise de consciência, já que toda a ideia da operação foi dela. A primeira vez que eu te vi foi na pasta que ela me entregou com os seus arquivos. Não tem nada além do profissional entre mim e ela.

— Tem certeza?

Ele revirou os olhos.

— Desculpa.

— Patrícia, tudo o que não precisamos agora é você com ciúmes da minha chefe.

— É porque ela parece conhecer você tão bem. — Cruzei os braços e tentei manter a postura, por mais que tivesse começando a enxergar que talvez havia exagerado um pouco.

— Ela conhece todo mundo muito bem. Ela lê expressões faciais. Não é à toa que é a melhor interrogadora do país. E nem se eu quisesse algo com ela, eu teria. Outros caras do departamento tentaram, mas ela é bem apaixonada pelo marido.

— Ela é uma mulher muito bonita e instigante.

— Dez anos mais velha do que eu.

— Isso nunca foi um empecilho para mim. — Cruzei os braços.

— Eu não quero saber com quantos caras mais velhos você já transou. — Lucas jogou os braços para cima e se afastou, furioso.

Foi então que percebi que tinha me excedido. Mas no meu mundo ninguém era bonzinho como a

PERIGOSAS ACHERON

chefe do Lucas estava sendo conosco sem esperar nada em troca.

— Foi mal. — Suspirei.

— Mal? Você acabou de me acusar de ter dormido com a minha chefe! — Ele estava bufando como um cão furioso.

— Como se ninguém fizesse isso. — Dei de ombros. — Esqueceu que você começou a transar comigo por interesse nas informações que eu podia ter sobre o meu pai?

— Estava demorando você começar a jogar isso na minha cara novamente. — Ele deu as costas e começou a caminhar na direção do quarto. — Vou dormir, não foi um dia fácil para ninguém. Se quiser pode ficar por aí.

— Lucas!

— Boa noite, Paty.

Eu bati os pés no chão, mas ele me ignorou.

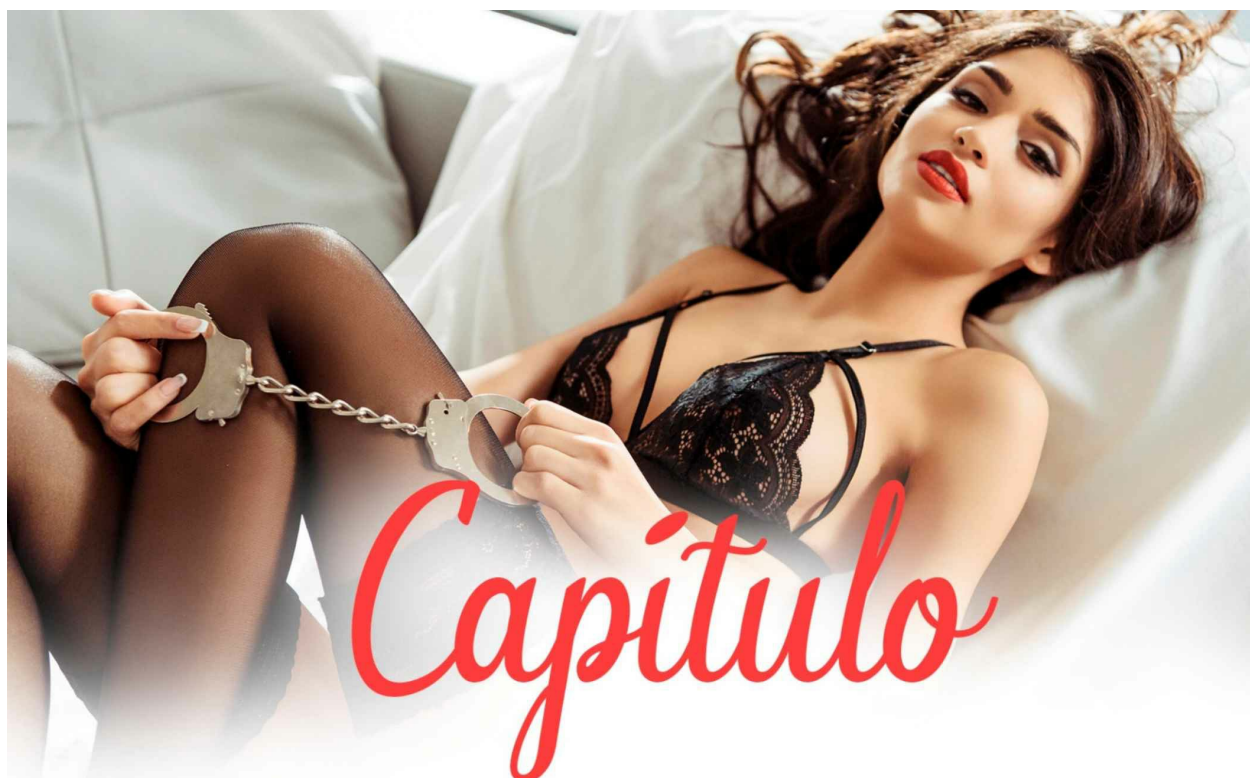
PERIGOSAS NACIONAIS

Odiava não estar certa, odiava não ser o centro das atenções e odiava ainda mais não deter todas as regras do jogo. Isso me tirava do sério. Talvez eu tivesse ido além do que devesse, colocado o dedo na ferida de uma forma que nós dois não precisávamos agora, porém no mundo que eu vivia ceder nunca era a melhor alternativa. Mesmo não estando certa eu precisava fazer com que me engolissem ou eles passariam por cima de mim.

Sentei no sofá e fiquei em silêncio. Uma parte de mim queria ir até o Lucas e pedir desculpas, porém a que havia sobrevivido todos esses anos em um mundo de merda se conteve e ficou parada. Por fim, acabamos brigados e eu peguei no sono no sofá.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Quatro

Eu estava encolhida com o frio da manhã quando senti o Lucas colocando um cobertor sobre os meus ombros e beijando a minha testa. Por mais furioso que eu pudesse tê-lo deixado ontem, ele estava bem o suficiente para me fazer algum tipo de carinho. Quando pensei em abrir os olhos e dizer para ele que sentia muito pelo clima horrível que havia causado ontem, ele saiu pela porta da sala e me deixou sozinha.

Encolhi no sofá e voltei a dormir.



PERIGOSAS NACIONAIS

Quando ouvi o barulho da chave girar na fechadura eu já estava sentada olhando o clima nublado pela janela. Iria chover e não demoraria muito.

— Já está acordada? — Lucas entrou carregando algumas sacolas.

Fiz que sim.

— Estou um pouco enjoada. — Era mentira, pela primeira vez desde que havia descoberto que estava grávida eu não acordara com o estômago revirando como se alguém estivesse pulando em cima dele.

— Precisamos ir ao médico.

— Lucas, todas as grávidas ficam enjoadas.

— E todas fazem o pré-natal.

— Não podemos ir com frequência para nenhum lugar agora. É entregar nosso paradeiro nas mãos dos homens do meu pai.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei. — Ele se sentou ao meu lado e acariciou a minha barriga. — Mas precisamos começar a frequentar um médico o quanto antes.

Assim que eu colocasse uma bala na testa do meu pai nós teríamos uma vida normal, guardei esse pensamento apenas para mim. Não tinha certeza, mas esperava que as coisas entrassem no rumo se eu conseguisse fazer isso.

— Como está se sentindo agora? — Ele tirou uma mecha do meu cabelo castanho que caía sobre meu rosto e me encarou com aqueles profundos olhos verdes.

— Eu estou bem. — Segurei a bochecha dele e escorreguei o polegar pelo seu queixo. — Desculpa por tudo o que eu disse ontem, acho que exagerei um pouco. — Percebi que dar o braço a torcer era a melhor forma de acabar com aquele clima horrível que estava entre nós dois.

PERIGOSAS ACHERON

— Um pouco exagerada?

— Vai me desculpar ou não? — Recuei, soltando o rosto dele e encostando as costas no sofá.

— Tudo bem, devem ser os hormônios.

Seu pau! Mordi a língua e contive aquele xingamento. Não tinha nada de hormônios ali, eu estava com ciúmes e pronto. Quando a chefe bem-sucedida e solícita dele nos ofereceu ajuda eu senti ciúmes. Imaginei que ela queria dar para ele. Qualquer uma com olhos viria a beleza do Lucas e se interessaria por ele.

— Você disse que o marido da sua chefe é um médico, não é? Que tipo de médico?

— Não tenho certeza, mas acho que um pediatra. — Ele franziu o cenho. — Por que a pergunta?

— Bom eu preciso de um médico...

— Não sei se ela vai querer meter ele nisso...

— Lucas balançou a cabeça em negativa.

— Em quem mais podemos confiar? — Ergui os ombros e mordi os lábios.

Lucas desviou o olhar, pensando por alguns segundos. Não era tão estúpida a minha ideia. A chance de pegarmos o telefone e ligar para um médico qualquer era quase nula, por que não consultar com o marido da chefe dele se podíamos tanto confiar nela? Além disso, era a desculpa perfeita para ver de perto como era o tal cara e estudar a relação que existia entre os dois. Se ele fosse um cara bonitão e apaixonado, quem sabe eu me sentisse um pouco mais segura em relação a tudo.

A verdade era que o Lucas era a primeira pessoa que eu sentia que me amava de verdade e a chance de tudo isso ir para o espaço me apavorava

PERIGOSAS NACIONAIS

mais do que eu gostava de admitir e isso me fazia agir de forma equivocada em relação a algumas coisas.

— Eu vou ver com ela. — Lucas acabou cedendo. — Mas agora você precisa comer alguma coisa. Depois vamos sair daqui para procurar alguma pensão. Não devem demorar até eles chegarem aqui.

— Conseguiu encontrar o tal cara e pegar o dinheiro?

— Sim, a Suzana nos mandou dez mil reais. Vai ser o suficiente para nos virar por um tempo enquanto todos os capangas do seu pai não são presos.

— E você acha que isso vai acontecer? — Segurei o riso.

— O quê? — Lucas se fez de desentendido.

— Todos os capangas do meu pai serem

PERIGOSAS ACHERON

presos? É gente demais para as celas de prisão de São Paulo. Além disso, nem todos tem algo que os incriminam para fazer com que sejam presos.

— Vamos dar um jeito.

— Queria que as coisas fossem tão simples quanto parecem para você. — Abri um sorriso amarelo e ele me deu um rápido beijinho.

— Tudo bem. Vamos pensar em como sair disso depois que você tiver comido algo e ter encontrado outro lugar para passar a noite.

— Só me diz uma coisa? — Peguei ele pelo colarinho da camisa e o trouxe para mais perto de mim. Um sorriso maroto surgiu entre os lábios dele. — A sua chefe também mandou uma arma?

A expressão travessa nos olhos dele apagou como uma fogueira acertada por um balde de água e Lucas bufou.

— Sim, mas só para mim e para usarmos

apenas em extrema necessidade. Só tem dois pentes de balas.

— Que merda!

Levantei do sofá e comecei a vasculhar as sacolas que ele havia trazido do mercado. Algumas frutas, pão e queijo, além de leite e uma garrafa de suco. Nada de espetacular, mas me manteria alimentada. Peguei a banana e descasquei, colocando quase inteira na boca. Estava mais faminta do que havia percebido antes. Comi num piscar de olhos, uma goiaba, duas bananas e um sanduíche de pão com queijo.

Quando Lucas percebeu que eu estava saciada, ele puxou a cadeira e sentou junto a mesa.

Depois do nosso café mais do que reforçado, saímos do apartamento, cumprimentando o porteiro como quem ia dar um passeio e descemos a rua na direção ao ponto de ônibus. Durante a nossa fuga

eu já havia andado mais de transporte público do que em boa parte da minha vida.

O sol da manhã batia sobre os nossos ombros e tornava o clima chuvoso e frio um pouco mais amigável. Estava olhando para o itinerário do ônibus em uma pequena placa amassada e desbotada quando me virei para o Lucas que parecia também fitar o nada. Os cabelos escuros dele tinham um brilho quase azulado e jurava ter visto um fio branco que antes tinha ignorado.

— É pedir demais ficarmos em um hotel com um pouco mais de conforto? Não foi a melhor coisa do mundo dormir no sofá.

— Você dormiu lá porque quis. — Lucas se quer me encarou ao dizer aquilo com um ar grosseiro.

Engoli em seco. Eu não precisava ter ouvido aquilo, porém ele tinha razão. Nunca me disse que

eu não poderia ter ido para a cama, mesmo após a nossa briga.

— Não podemos ir para um lugar que precisem dos nossos documentos.

— Tem motéis muito bacanas. — Dei uma piscadela.

— Um motel, Paty?

— É melhor do que um quarto de albergue com umas dezesseis camas, não acha?

— Você está certa. — Ele assentiu. — Vamos para um motel então. Mas nada muito extravagante e nenhum *drive-in*. Por que caso tenha esquecido, nós não temos um carro.

— Tá bom! — Cruzei os braços.

Assim que o ônibus passou, Lucas deu sinal e nós entramos. Pegamos outra sequência de conduções e metrô até Diadema. Com o clima chuvoso, o trânsito já cheio da capital estava um PERIGOSAS ACHERON

verdadeiro inferno e eu não duvidava que se estivéssemos de carro teríamos demorado ainda mais para chegarmos ao tal motel em Diadema que havíamos escolhido através de um panfleto que encontramos no ponto de ônibus.

No metrô as pessoas entravam com guarda-chuvas e sombrinhas molhadas. O chão estava um verdadeiro nojo com a água e os sapatos molhados. Eu não me recordava de ter passado por isso antes. Por mais que a fortuna do meu pai tivesse se construído principalmente nos guetos e favelas, eu praticamente havia nascido em berço de ouro. Ainda que meu pai não fosse o grande chefe da facção quando eu era um bebê, ele já tinha um cargo elevado o suficiente para me proporcionar um padrão de vida alto. Com ele preso, todos os bens haviam sido apreendidos, inclusive a casa que eu tinha. Não me prenderam, mas tiraram tudo de mim que era fruto do tráfico e eu precisava que

PERIGOSAS ACHERON

começar do zero. Não havia pensado muito sobre isso antes, mas durante as horas naquele metrô apertado, com pessoas me espremendo e pisando no meu pé foi inevitável.

— Paty, está tudo bem? — Lucas puxou assunto ao perceber que eu estava dispersa.

Fiz que sim, porém não disse mais nada. Continuei segurando firme na barra de metal enquanto tentava olhar para além das diversas cabeças e enxergar algo no túnel subterrâneo.

Descemos no terminal Metropolitano de Diadema e seguimos a pé até o motel. Não havia nada de charme ou romantismo naquela tarde. Aquela certamente não era uma das formas em que imaginei que nós dois pararíamos no motel. E olha que já tinha saído bêbada com tudo quanto é tipo de cara.

Passamos pela recepção e Lucas pediu um dos

quartos para a noite. A recepcionista, uma velha com um par de óculos redondos, deu uma risadinha ao olhar para o Lucas e para mim. Quase ouvi ela dizer: *A noite inteira, né, safada? Quem me dera!* Depois da briga de ontem eu nem sabia se o Lucas estava a fim de transar comigo.

Subimos dois andares de escada e o nosso quarto ficava no fim do corredor. Não era lá o motel cinco estrelas que eu sonhava, porém parecia melhor do que qualquer pensão meia boca que não fazia check-in dos hóspedes. Lucas abriu a porta e eu esgueirei para dentro. A meia luz avermelhada que estava sob a cama poderia significar muito em outros dias, mas daquela vez foi apenas um convite para que eu me deitasse de lado a abraçasse o travesseiro. Estava exausta.

Lucas deixou as sacolas, com o que havia sobrado da nossa comida, sobre uma mesa redonda

no canto e pegou o controle da televisão. Ele a ligou num canal erótico com uma mulher gemendo enquanto o homem lambia chantilly e comia alguns morangos espalhados pelo corpo dela. Ele mudou de canal, o segundo também era pornô, uma mulher sendo duplamente penetrada por dois caras. Por fim, ficou irritado desligou a televisão e jogou o controle sobre a mesa de novo.

— Acho que não tem nenhum canal de notícias aqui.

— Bom — Sentei na cama ainda abraçada ao travesseiro. —, as pessoas não costumam vir a esse tipo de lugar para ficar assistindo noticiário.

— Um albergue teria uma televisão decente.

— Ah, Lucas, fala sério?! — Revirei os olhos.
— Você pode comprar um jornal amanhã cedo. Troco o noticiário por uma cama confortável.

Ele balançou a cabeça em negativa, mas ficou

em silêncio. O que não me pareceu um bom sinal.

Virei para o lado e peguei o cardápio que estava sobre uma prateleira na cabeceira da cama. De um lado havia vários brinquedos sexuais e do outro comidas e bebidas como em qualquer hotel comum.

— Eles servem alguns pratos interessantes aqui. Posso pedir algo para comer? Acho que um pouco de arroz e feijão não vai me fazer mal né.

— Claro. — Lucas sorriu para mim depois de muito tempo. — Pede o que você quiser comer. — Tirou um pequeno celular de dentro do bolso.

— Onde conseguiu isso? — Mordi os lábios e recuei na cama. Era melhor eu não começar com o ciúme outra vez se não quisesse piorar ainda mais as coisas entre nós dois.

— É um número não rastreável, a Suzana me deu para o caso de alguma emergência. Mas olha,

Paty, não vem com aquela de novo, por favor...

— Por que não liga para ela e vê se o marido não pode me atender? — Sorri ao caminhar na direção dele.

Lucas me devolveu o sorriso. E a postura arredia que ele havia assumido ao esperar que eu surtasse se amenizou um pouco.

— Tá, vou ligar, mas pede a sua comida primeiro e pede para mim também.

Assenti ao me debruçar sobre a cama e pegar o telefone. Disquei o zero para a chamar na recepção e fui atendida no segundo toque.

— Oi, pode trazer para gente dois pratos de frango xadrez e duas latas de suco de pêssego.

— Sim, senhora. No quarto, 302?

— Isso. Obrigada. — Desliguei o telefone e me virei, tomando um susto com Lucas sentado ao meu lado na cama. — Você é rápido.

— Eu só sentei aqui. — Ele sorriu ao acariciar meu rosto.

— Mas eu não vi.

— Você estava distraída.

— Tem razão. — Fiquei o encarando, seus olhos verdes capturaram completamente a minha atenção. *Putá que pariu!* Eu ainda me perguntava como aquele cara poderia ser tão gostoso.

— Não precisa ter ciúmes da Suzana.

— Eu sei, surtei. Já pedi desculpa. Não quero mais brigar com você por causa disso.

— Não precisamos. — Ele curvou o rosto na minha direção e me deu um beijo rápido. — Eu amo você.

Mesmo com todo o risco que eu havia corrido no momento em que o Lucas havia entrado na minha vida eu não estava arrependida. Faria tudo de novo para ter o que eu tinha com ele. Um calor

PERIGOSAS ACHERON

que fazia meu corpo inflamar e a doce voz dele ao pé do meu ouvido dizendo que me amava.

— Eu também amo você. — Passei os meus braços ao redor do seu pescoço e o puxei para cama junto comigo.

— Eles virão entregar o nosso jantar.

— Como se não tivessem acostumados com as pessoas transando nesta cama.

— Nisso você tem razão. — Ele sorriu malicioso ao morder o meu lábio inferior.

Puxei a sua camisa para cima e a joguei no chão do quarto. Lucas colocou os cotovelos na cama e morder a minha orelha me fazendo estremecer inteira. Os olhos dele me diziam que não havia mais qualquer vestígio da raiva pela nossa briga momentânea. Poderíamos esquecer qualquer atrito enquanto nossos corpos se tocavam.

— Você acaba com a minha sanidade. — Ele

PERIGOSAS NACIONAIS

agarrou a minha cintura e puxou a minha calça num tranco.

— Você que me deixa louca de tesão. — Espichei o corpo, enquanto ele enfiava os dedos por debaixo da lateral da minha calcinha e eu sentia um calafrio.

Era covardia ele tirar a minha roupa daquele jeito, deixando o meu corpo em desespero para tê-lo dentro de mim. Era culpa daqueles músculos, daquele corpo escultural que o Lucas tinha, aquele tesão de homem que não me deixava dizer que não queria, se é que essa ideia em algum momento ousaria passar pela minha cabeça. Os policiais foram espertos para caralho em mandar ele atrás de mim, eu não conseguiria resistir mesmo se quisesse.

Lucas passou a mão pela minha cintura e subiu sem pressa, levando com sigo a minha

PERIGOSAS ACHERON

camiseta que ele jogou na cabeceira da cama. Seus lábios quentes e a língua úmida escorregaram pelo meu pescoço e eu me arrepiei inteira. Por pior que estivesse toda a nossa vida em diversos aspectos, quando nos encontrávamos no sexo tudo fazia sentido para mim. Ele abriu meu sutiã sem passar dificuldade com o fecho e o deixou na cama ao lado do meu corpo. Agarrou meus seios com as duas mãos e eu arqueei o corpo no colchão. Lucas conhecia uma dezena de formas de me fazer gritar de prazer e começou com o polegar escorregando pelo meu ventre até seus dedos encontrarem minha úmida e excitada vagina. Com o polegar, ele começou a fazer movimentos circulares no meu clitóris inchado pelo desejo enquanto ele introduzia em mim o dedo do meio. Revirei os olhos com o prazer que crescia enquanto ele movimentava, introduzia e extraia os dedos de mim. Com a mão livre, Lucas rodeava, pressionava e beliscava o meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seio esquerdo, brincava com o mamilo que estava cada vez mais rígido com seus toques. O quarto ao meu redor girava. Eu não continha meus gemidos e meus próprios gritos em meio as ondas e a névoa de prazer. Arranhei os lençóis sob o meu corpo, torcendo o tecido entre meus dedos enquanto me revirava. Era bom demais, sentia que em qualquer momento eu me viraria de dentro para fora em meio ao prazer que me rasgava.

Não demorou para que eu gozasse em meio ao vai e vem dos dedos dele em mim. Eu me desfiz sobre a cama, derretendo inteira em meio aos espasmos. Ele me beijou, sussurrando um *gostosa* antes de enfiar a língua dentro da minha boca.

Puxei a sua calça com cueca e tudo e joguei no chão. Subi um pouco mais na cama, me ajeitando nos travesseiros enquanto o puxava para mim. A garrei seu cabelo, segurando na base da nuca no

PERIGOSAS ACHERON

instante em que o Lucas apoiou uma das mãos na cabeceira da cama e enfiou em mim sem qualquer cerimônia. Eu gemi e me espichei contra a cabeceira enquanto o sentia entrar fundo. Aquele pau gostoso e latejante, começou a me comer de vagar, provocando deliciosas carícias no meu interior, até que eu movi meu quadril contra ele, pedindo silenciosamente que entrasse mais, que fosse mais fundo. Fomos no momento um contra o outro, a cintura dele me buscando enquanto os meus quadris subiam até ele e desciam com a pressão do corpo do Lucas me empurrando contra a cama. Eu escorregava as minhas mãos pelas costas dele, sentindo as curvas dos seus músculos com as pontas dos dedos. Apertei sua cintura com as minhas pernas e o Lucas enfiou tudo e eu soltei um gritinho abafado. Ele enfiou as mãos sob os nossos corpos e agarrou a minha bunda. Cravei as unhas no meio das costas dele e Lucas mordeu meu

PERIGOSAS ACHERON

pescoço. As sensações me varriam e me arrebatavam antes que eu pudesse entender cada uma delas.

Ouvimos uma batida na porta, porém o Lucas não parou de se mover.

— Senhor, o jantar.

— Espere — disse Lucas com uma voz rouca e muito sexy que derrubou a última gota que eu precisava para gozar de novo.

Ele cerrou os dentes e gemeu um pouco mais alto enquanto dava duas estocadas firmes e gozava dentro de mim. Ele rolou para o lado e assim que recuperou as suas forças, enrolou em uma das toalhas brancas que estava aos pés da cama. Antes que o Lucas pudesse abrir a porta eu me esgueirei para o banheiro.

Ouvi ele abrir a porta e agradecer ao garçom antes que eu abrisse o chuveiro para lavar a

lambança que o Lucas havia feito entre as minhas pernas. Sorri ao encará-lo, quando o Lucas entrou no chuveiro e me abraçou por trás.

— O cheiro da comida está gostoso?

— Gostosa é você. — Ele mordeu a minha orelha.

— Bobo. — Virei para beijá-lo.

Terminamos de nos lavar e saímos do chuveiro. Com uma toalha enrolada na altura dos seios e os cabelos escorrendo em gotas finas e frias pelas costas, eu me sentei em uma das cadeiras e peguei os talheres. Lucas se sentou diante de mim e começamos a comer.

— Está uma delícia. — Mastiguei o segundo pedaço do frango. Não que o meu paladar tivesse um dos melhores, estava tão faminta que poderia comer uma galinha inteira, até as penas, e achar a melhor coisa do mundo.

— Está bom sim. — Lucas chupou até o osso e o jogou em um canto do prato.

Assim que ele terminou de comer, Lucas pegou o celular que havia ganhado da chefe e ligou para ela. Cravei minhas unhas nos braços da cadeira onde estava, mas me contive. Não havia motivos para sentir ciúmes dela, repeti para mim mesma algumas vezes.

— Suzana, boa noite. Espero não estar atrapalhando, você demorou a atender...

Cheguei mais perto no intuito de ouvir o que ela falava, mas a conversa estava tão distante que eu não consegui.

— Ah, sim! Entendi. Faz sentido já que o seu número pode estar grampeado. — Ele deu uma pausa para ouvi-la falar e então prosseguiu. — Estamos bem, é só sobre a gravidez da Patrícia. Acho que seria importante ela ver um médico.

PERIGOSAS NACIONAIS

Como não podemos confiar em ninguém eu não sei em qual clínica levá-la. Já que o seu marido é médico ele poderia examinar ela e ver se está tudo bem com o bebê, principalmente depois que pulados três andares quando fugimos daqueles assassinos no hotel... Sim, eu sei que ele é pediatra e não obstetra. Mas aquela sua amiga legista salvou a minha vida, então imaginei que servisse... Tá bom! Me liga depois.

— O que ela disse? — O encarei depois que ele desligou o telefone.

— Que vai conversar com ele. Prometeu deixá-lo fora dessas coisas.

— Tomara que ele tope. — Acariciei a minha barriga que ainda não demonstrava nenhum sinal de mudança.

Voltamos a comer e não demorou para que o telefone do Lucas voltasse a tocar.

PERIGOSAS ACHERON

— Oi, Suzana! Que ótimo! Eu vou anotar o endereço da clínica. — Lucas se levantou e foi até a pequena bancada onde ficava o telefone do motel e o cardápio, ao lado deles havia um pequeno bloco de anotações com uma lapiseira. — Estaremos lá amanhã à noite. Muito obrigada.

— Ele topou? — perguntei só para ter certeza, porque já era bem óbvio pela conversa que tiveram.

— Sim. Ele vai nos atender amanhã depois do expediente na clínica onde trabalha.

— Isso parece ótimo! — abri um largo sorriso.
— Será que já conseguimos saber o sexo dele ou dela?

— Acho que é meio cedo. — Lucas se ajoelhou na minha frente para acariciar a minha barriga.

— Não sei. Nunca fui mãe antes e nem acompanhei a gravidez de nenhuma. — Coloquei

as minhas mãos sobre as dele. — Quando será que começa a se mexer?

Por enquanto, tirando os breves momentos de náuseas e mal-estar, eu me sentia normal. Não havia sinal algum de que algo crescia dentro de mim.

— Vamos dormir? — Lucas se levantou e me puxou pelas mãos.

Fiz que sim e o acompanhei até a cama.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Cinco

A cordei
de
manhã

em meio à chuva forte. Ficamos no quarto até que ela passasse, o que aconteceu por volta das dez horas da manhã. Deixamos o motel e seguimos até uma pequena loja. Compramos roupas simples e básicas, além de uma blusa de frio. O suficiente para os próximos dias e que coubesse em uma mochila. O dinheiro que tínhamos duraria por um bom tempo, isso se soubéssemos economizá-lo. O que certamente eu não sabia, por sorte era o Lucas quem estava lidando com ele. Eu sempre esbanjei demais, não seria fácil mudar isso em um punhado de dias.

PERIGOSAS NACIONAIS

Estávamos seguindo até um restaurante para almoçarmos quando eu vi o rosto do meu pai em um televisor de uma lanchonete e puxei Lucas pelo braço.

— Espera!

— O que foi?

Ele entendeu assim que eu apontei para o noticiário. As imagens na televisão mostravam pequenos vídeos da penitenciária onde o meu pai estava em prisão preventiva. Na legenda embaixo, com letras garrafais, estava escrito:

Homem acusado de ser o chefe da maior facção de São Paulo foge da cadeia após rebelião noturna.

— Puta que pariu, merda, caralho... — Comecei a gritar todos os palavrões que conhecia em meu repertório. Não sabia se estava furiosa ou desesperada, então continuei xingando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

As pessoas que passavam na rua me olhavam torto e murmuravam umas com as outras, provavelmente abismadas com as palavras de baixo calão que escapavam pela minha boca. Eu estava furiosa e apavorada, se elas estivessem na minha situação, não duvidava que tivessem xingando muito mais do que eu.

— Droga! — Lucas esmurrou a parede na lateral externa da lanchonete e todos olharam com um ar ainda mais desconfiado para nós dois.

— Está tudo bem com vocês? — Uma garçonete saiu do interior do estabelecimento e encarou a nós dois.

— Está sim! — Abri um sorriso falso e puxei Lucas pelo braço. — Já estávamos indo embora.

Puxei ele até a marquise de um prédio onde as pessoas que haviam nos olhado torto não conseguiam mais nos ver.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que merda! — praguejou Lucas.

— Uma parte de mim quer gritar eu te avisei e a outra está muito apavorada. — Coloquei as mãos sobre os ombros dele, enquanto sentia as minhas pernas vacilarem.

— Calma. — Lucas respirou fundo e me segurou pela cintura. — Vão prender ele outra vez. É só uma questão de tempo.

— E você acha que isso vai acontecer antes ou depois dele ter minha cabeça em uma bandeja por traição?

— Patrícia...

— Você pode não saber como as coisas funcionam para ele, Lucas, mas eu vi de perto o que meu pai fazia com os traidores. De cortar a mão ou a língua, a coisas muito piores. Não quero que isso aconteça comigo. — Coloquei as mãos sobre a minha barriga. — Não agora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Calma. Eles não sabem onde estamos. Ainda temos isso como vantagem.

— Meu pai tem olhos por todo Estado. — Eu estava tremendo.

— Ninguém pode ver tudo o tempo todo, é só ficarmos nos pontos cegos que ficaremos bem. — Ele me envolveu pela cintura e me impulsionou para frente até chegarmos ao restaurante onde tínhamos a intenção de almoçar.

Soltei meu corpo sobre a cadeira enquanto minhas pernas tremiam muito. Haviam inúmeras pessoas que temiam o diabo, achando que ele era o detentor de todo mal e que não poderia haver coisa pior em suas vidas do que a presença dessa entidade. Porém, eu achava que poderia ficar bem junto dele e sofrendo de suas maldições se ele afastasse meu pai de mim.

Apoiei as mãos sobre a mesa, apenas para ter

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

certeza de que estava em um lugar firme enquanto ofegava. Eu não era tola, sabia que isso poderia acontecer no instante em que decidi depor contra ele, porém, contudo não podia negar que tive esperanças de que os policiais seriam heróis que me livrariam do monstro e depois disso eu teria o meu felizes para sempre ao lado do Lucas. Fui ingênua, muito ingênua. A vez em que ele me bateu por achar que eu tinha roubado dele não seria nada se comparado ao que iria acontecer quando ele finalmente colocasse as mãos em mim.

— Ela está se sentindo bem? — Ouvi uma garçonete se aproximar do Lucas.

— É só um pouco de tontura por causa da gravidez. Ela vai se sentir melhor logo...

Eu deixei de lado a conversa entre o Lucas e a mulher e mergulhei na escuridão de uma lembrança da minha infância.

PERIGOSAS ACHERON



— *Você pegou dinheiro no meu cofre, Patrícia?*

Eu me encolhi atrás do sofá da sala e balancei a cabeça em negativa.

— *Pegou, Patrícia?!*

— *Não, pai. — Engoli em seco.*

— *Então ele desapareceu sozinho?*

— *Pode ter sido.*

Ele caminhou com passos pesados na minha direção, fazendo com que o chão reverberasse diante de cada um deles e eu me encolhi ainda mais.

Meu pai me agarrou pelos cabelos e me ergueu no ar. Na época, eu era tão pequena que

meus pés ficaram balançando de um lado para o outro, incapazes de tocar o chão.

— Me solta, papai!

— Sabe o que acontece com aqueles que mentem para mim e me traem, fedelha? — rosnou, bufando como um touro.

Eu estremecia de medo. Balançava de um lado para o outro, incapaz de me soltar.

Ele me soltou e eu caí com tudo no chão. Meus pequenos joelhos mal suportaram a queda sem serem machucados e todos os meus ossos começaram a doer. Porém isso não foi o suficiente para o meu pai. Ele me chutou e eu bati com as costas na parede. Ainda podia sentir o gosto fêrrico do sangue que havia se acumulado na minha boca. Um chute veio seguido de outro e ele queimou meu braço com uma bituca de cigarro.

Imagino que se a empregada não tivesse

aparecido minutos mais tarde, ele teria me matado. Durante vários anos os meus colegas de escola me perguntavam se aquela marca redonda no meu braço esquerdo era a cicatriz da vacina BCG e eu dizia que sim. Quem entenderia se eu dissesse que meu pai havia me acusado de algo que dias depois descobriu ter sido feito por um de seus empregados, a qual ele matou impiedosamente, mas nunca me disse uma palavra de desculpa?



— Patrícia? — Lucas colocou a sua mão sobre a minha e me puxou para fora da terrível lembrança.

— Oi?

— Calma, ele não vai chegar na gente.

— Não faz promessas que você não pode

PERIGOSAS NACIONAIS

cumprir. — Abri um meio sorriso e puxei o cardápio que estava na mesa entre nós dois. — Vamos comer o quê?

Ele percebeu que eu não estava disposta a conversar sobre aquilo e se curvou para me ajudar a escolher algo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Seis

Passamos a
tarde em
um

shopping movimentado. Até nos arriscamos a assistir um filme em uma sessão lotada de estreia. Esperávamos que quanto maior fosse o tumulto, mais fácil seria nos esconder em meio aos milhares de rostos. Imaginava que houvesse um espião do meu pai em cada canto dos locais que eu mais costumava frequentar, portanto um local onde eu não costumava ficar era o melhor para nos escondermos no momento. Então fizemos coisas que nunca teríamos feito antes e confesso que foi divertido, durante a tarde talvez eu até tivesse esquecido do alvo que eu mesma havia colocado nas minhas costas.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos até a clínica onde o marido da Suzana atende. — Lucas olhou para o relógio no pulso que havia comprado de um camelô. — Já está quase no horário combinado.

— Não podemos ir de *uber*, né? — Ergui uma sobrancelha esperançosa.

— Não. Sabe que o melhor é não usarmos nada que exija algum tipo de cadastro e o nosso CPF. Vão conseguir nos rastrear por isso.

— Não me custava ter esperanças. — Dei de ombros. — Saudades do meu carro. — Suspirei.

— Andar de transporte público nem é tão ruim.

— Se você está dizendo.

— Podemos ir de taxi, Paty.

— Não! Vamos de metrô. *Hiupi!* — Fingi uma falsa comemoração e mantive um sorriso amarelo nos lábios.

PERIGOSAS ACHERON

A clínica nem ficava assim tão longe de onde estávamos. De carro seria cerca de vinte minutos, meia hora, porém de ônibus tivemos que fazer três baldeações até lá e ainda andamos cerca de dez minutos a pé. Confesso que esse não era o jeito que eu imaginava terminar a minha vida. Assim que chegamos diante de uma porta de vidro uma mulher atrás do balcão olhou para nós e tirou os fones de ouvido.

— Desculpa, mas já estamos fechados por hoje.

— O doutor Victor está esperando a gente. A Suzana nos mandou aqui. — Lucas se aproximou dela com o receio de dizer o próprio nome.

— Eu vou conferir se ele ainda está. Você quem é?

— Eu sou... — Lucas hesitou, receoso.

— Yasmin, pode deixá-los entrarem — Um

cara surgiu de um corredor lateral e parou ao lado do balcão, segurando uma pasta azul.

CARALHO! Tá ele não era tão gato quanto o Lucas. Não tinha olhos claros e possuía algumas leves rugas ao redor dos olhos, mas era um cara lindo... Olhos e cabelos castanhos, com um largo sorriso contagiante que deixava qualquer uma babando. Não sei como era a relação dele com a Suzana, mas fisicamente ela estava muito bem servida. Isso me deixou mais tranquila. Com um marido delícia como aquele, achava que ela não precisava dar em cima do meu cara. Se o casamento deles reluzisse como a aliança dourada que ele carregava na mão esquerda, deveriam estar muito bem.

— Como você é o pediatra e eu não estou vendo nenhuma criança...

— Eles estão vindo do trabalho e querem

conversar comigo sobre o filho deles.

— Beleza. — Ela se curvou para ligar o computador. — Quer que eu faça uma ficha?

— Não, Yaya, já está tarde. Vai para casa, pode deixar que eu me viro aqui. É só uma conversa com um amigo. Não é uma grande consulta.

— Tudo bem! — Ela se levantou e pegou a bolsa que estava sobre o balcão. — Tenha uma boa noite doutor. Até amanhã.

— Obrigado!

— Boa noite! — A secretária passou por nós e seguiu para a rua.

— Venham comigo. — Victor fez um sinal para que fosse acompanhado.

Lucas e eu o seguimos pelo corredor que Victor havia saído e entramos com ele na terceira sala, uma que tinha o seu nome na porta. Apesar

PERIGOSAS ACHERON

das paredes brancas o lugar era bem acolhedor. Com vários bichinhos de pelúcia pendurados e num sofá ao alcance das crianças, assim como uma régua em formato de girafa e outros adereços que chamavam a atenção dos pequenos.

Vitor fez um sinal para que nós sentássemos e foi para atrás da mesa. Em cima dela havia alguns porta-retratos, assim como na estante atrás dele. Uma foto da Suzana vestida de noiva brindando com ele, algumas outras dos dois juntos e várias de uma menininha loira. Em algumas ela estava sozinha, mas em outras estava com ele e com a Suzana.

— Essa é a sua filha? — Não contive a minha curiosidade e peguei uma das fotos.

— Sim. — Vitor sorriu. — A minha Cristina.

— Ela não se parece muito com vocês.

Lucas olhou torto para mim, descontente com

o meu comentário inoportuno, porém eu não liguei. Se estava confiando a minha vida àquele cara não via mal algum em perguntar um pouco sobre a dele.

— Ela é a cara da mãe. — Vi o sorriso no rosto dele diminuir um pouco.

— Não é a Suzana?

— Não. Eu tive outra esposa. A Cristina é minha filha com a Bárbara.

— Vocês se divorciaram?

— Patrícia! — Se eu estivesse ao lado do Lucas eu tinha certeza de que ele teria me dado um beliscão.

— Não. — Victor balançou a cabeça em negativa. — Ela foi assassinada pela família dela. Os mesmos que mataram o primeiro marido da Suzana e o filho deles.

— Eu sinto muito, Victor. — Lucas se levantou e colocou a mão sobre o meu ombro, me

PERIGOSAS ACHERON

fazendo ficar na minha.

— Bom, o pior passou para mim. Já aprendi a lidar com as cicatrizes que ficaram. Mas pelo que a Suzana falou, vocês dois estão bem encrencados.

— Agora que o meu pai fugiu da cadeia, acho que encrencados é um eufemismo.

— A Suzana é muito boa no que faz, tenho certeza que ela irá prendê-lo outra vez. — Victor se levantou e veio até mim. — Agora vamos ver como está esse bebê?

Fiz que sim e o segui até outra sala que tinha na porta uma placa escrito *Ultrassom*.

Lucas me ajudou a deitar na cama, enquanto o Victor ligava os aparelhos e colocava luvas.

— Há quanto tempo você acha que está grávida?

— Acho que tem um mês desde que eu fiz o teste de farmácia e deu positivo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você chegou a fazer algum exame de sangue? — Ele puxou as luvas ao máximo e o estalo me fez encolher com um leve susto.

— Não, só aquele do xixi. Meio que eu não tive muito tempo para olhar isso. Eu descobri que o pai do meu bebê ao invés de Diogo chamava Lucas e de pois disso todo mundo estava tentando nos matar.

— Patrícia, não é o melhor momento para falarmos sobre isso. — Lucas se encolheu, envergonhado.

— Só estou explicando as circunstâncias para o doutor.

— Tudo bem. Vamos ver como o bebê está. Por favor, sobe a blusa e abre os botões da calça.

Eu assenti ao pedido do Victor e me ajeitei sobre a maca. Ele ficou ao meu lado e passou um gel muito gelado na minha barriga que me fez

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estremecer inteira e começou a escorregar um aparelho por ela. Na tela ao lado começou a ser exibida uma imagem cônica com uma pequena mancha preta.

— O que é isso? — Apontei. — Algo de ruim...

— Não. — Victor riu. — É o saco gestacional. É onde está o embrião. O filhinho de vocês está se formando aí dentro.

Eu senti o meu coração parar naquele instante e um sorriso bobo tomou conta do meu rosto. Senti meus olhos lacrimejarem. Quando eu vi o sinal positivo no exame de gravidez, estar esperando um filho do Lucas era apenas uma possibilidade, mas ao olhar para aquele exame as coisas mudaram um pouco dentro de mim. Era real! Havia uma pessoinha crescendo dentro de mim justo na época mais fudida e arriscada da minha vida.

PERIGOSAS ACHERON

— Estão ouvindo esse barulho? — Victor chamou atenção para o *track* de áudio que apareceu ao lado da imagem do ultrassom.

Eu e o Lucas fizemos que sim.

— É o coração do bebê de vocês.

— Sério? — Não consegui conter a lágrima que havia acumulado no meu olho.

— Sim. Tudo indica que o feto está saudável. Eu não sou um obstetra, o mais recomendado é que fizessem um pré-natal adequado com um médico especializado. Mas sei que dentro da atual condição vai inviável. Espero que solucionem isso logo. — Victor se afastou pegou alguns lenços de papéis e entregou para o Lucas. — Ajude ela a se limpar.

A minha barriga estava toda melecada com o gel quando o Lucas se curvou na minha direção e começou a limpar. Depois que ele terminou eu ajeitei a minha roupa, voltamos para o consultório

do Victor.

— Parece que está tudo bem com o bebê. — Victor sentou em sua cadeira. — Mas é muito importante que você se alimente bem agora. Os primeiros três meses são cruciais para a gravidez. O feto está muito frágil e o seu corpo ainda está se acostumando com a presença dele. Vai perder uma quantidade grande de minerais e vitaminas e precisa repor isso. O ideal seria que você fizesse um exame de sangue para sabermos como está a taxa de algumas substâncias, como acho que vai ser difícil por hora: coma feijão, verduras verde escuras, tome água, coma frutas.

— Tem como eu fugir do meu pai nessa rotina? — Não contive a piada.

— Eu sei que não vai ser fácil, mas precisa se esforçar pelo seu filho.

— Muito obrigado, Victor. — Lucas se

aproximou. — Estou devendo uma.

— A Suzana se preocupa com vocês. Além disso, não me custa nada ajudar. — Ele se levantou e começou a tirar o jaleco branco. Confesso que imaginei ele sem camisa por alguns segundos.

— Mesmo assim, muito obrigado. É bom saber que o meu filho está bem.

— Está sim! Tem tudo para nascer muito saudável. Bom, é isso! Podem ligar caso tiverem alguma dúvida. Agora eu vou para casa, a minha garotinha está esperando por mim.

— Vocês não querem mais filhos? — Eu o encarei, curiosa. Ele tinha um DNA muito bom para não ser passado para frente.

— Eu quero. Mas acho que a Suzana ainda não lida muito bem com a morte do Samuel.

— Nós vamos embora. Muito obrigado, Victor. — Lucas segurou o meu braço e saiu me

PERIGOSAS NACIONAIS

puxando para fora da sala.

— Obrigada, doutor. — Dei um meio sorriso acompanhado de um Tchauzinho.

— Vou fingir que não vi você dando em cima do marido da minha chefe na minha cara. — Lucas me olhou torto assim que chegamos do lado de fora da clínica.

— Eu não dei em cima dele! — Soltei o pulso que ele segurava e cruzei os meus braços.

— Não foi o que pareceu.

— Tá com ciúmes. — Abri um sorriso.

— Não. — Ele deu de ombros.

— Está sim.

— Por que eu teria de um cara mais velho que eu e casado?

— Porque ele é um médico bonitão e você é um tira.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você esqueceu que o médico bonito tem quase quarenta anos e é casado com uma policial.

— Lucas me envolveu pela cintura e me puxou para junto dele. Senti um calafrio que me fez estremecer, porém fiz o possível para que ele não percebesse isso. — Sem contar que ele é mais velho do que você.

— Você também é mais velho do que eu. Nem ligou para isso enquanto me comia naquele banheiro.

— Patrícia, você... — A expressão dele ficou estática. — Precisamos sair daqui.

— O que foi? — Fiquei tensa com a mudança no tom de voz dele. Num momento estávamos numa amistosa discussão sobre a beleza do marido da chefe dele e no seguinte todo o corpo do Lucas se enrijeceu e ele ficou alguns tons mais pálido.

— Tem dois caras descendo a rua. Um deles

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

parece o filho do Coringa.

— Você não *tá* falando sério?!

— Infelizmente, eu *tô* sim. Vamos! — Ele envolveu a minha cintura e saiu me puxando com ele para uma rua na lateral.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Sete

Assim que começamos a nos mover os caras apertaram o passo. Era mesmo o Hector e um outro cara que eu costumava chamar de Muralha, não lembrava ao certo qual era o nome dele de verdade, porque isso nunca fez uma grande diferença. Eles não estavam ali a passeio. Depois que a Bianca havia sido morta no casamento deles o Hector havia surtado e se tornado um assassino sanguinário. Não ficava surpresa em saber que ele havia sido colocado na minha cola.

Ouvimos um zunido e uma moto passou com tudo por nós. Meu coração quase saiu pela boca e eu levei alguns minutos para perceber que não era uma ameaça. Lucas me puxou e seguimos para uma

PERIGOSAS NACIONAIS

outra rua. Assim que viramos uma esquina eu dei de cara com o próprio Coringa e mais dois homens.

— Olha só, a traíra que ferrou todo mundo assustada como um coelhinho.

— O que você está fazendo aqui? — Estufei o peito e tentei não demonstrar medo. Parecer assustada só pioraria as coisas.

— Achou que colocaria todo mundo na cadeia e ficaria por isso mesmo, sua prostituta?

— Cuidado como fala com ela. — Lucas rosnou tateando a mochila atrás da arma que ele deveria ter guardado ali.

— Fica na sua aí policial maldito! — O homem à esquerda do Coringa apontou uma arma para a cabeça do Lucas.

— Eu deveria ter matado você no instante em que descobri que estava mentindo para todo mundo, seu filho da puta!

PERIGOSAS ACHERON

— Mas você queria me espancar e esfregar na cara da Patrícia e do Camaleão que estavam errados sobre mim, não é? — Lucas o encarou sem parecer amedrontado pelo cano do revólver.

— Deveria ter matado você surrado.

— Mas não matou.

— Ainda estou em tempo de corrigir esse erro.

— E eu em te devolver para a cadeia.

Os dois se fuzilaram com o olhar e eu temi que o Lucas fosse atingido por um tiro. Eu estava esperando uma criança, porra! Não era o melhor momento para ele morrer.

— Lucas, calma! — Segurei o pulso dele.

Ele olhou para mim como se tentasse me deixar mais calma, porém acabou surtindo o efeito contrário. Comecei a tremer. Em outro momento, a antiga eu, teria latido para cima do Coringa, dito inúmeras coisas sem medo algum das

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

consequências até que ele se arrependesse de ousar me ameaçar. Mostraria para ele cada um dos espinhos que a vida havia me feito criar. Porém, eu estava bem mais contida, se eu tomasse um tiro daquela vez não morreria sozinha. Eu me importava mais com o bebê dentro de mim do que havia me importado comigo a minha vida toda.

— Vocês não vão matar a gente aqui, não é?

— Lucas o encarou.

— O Camaleão tem contas a acertar com vocês. Morrerem assim seria muito fácil.

— Sinto muito, mas não vamos a lugar nenhum. Patrícia, abaixa! — Ele gritou antes de dar um soco na barriga do homem que mirava na sua cabeça e a arma disparou para frente, passando de raspão no meu cabelo.

Lucas desarmou o homem com mais alguns golpes e fez com que ele caísse no chão. Pegou a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

arma e apontou para o Coringa, que tinha a outra apontada em nossa direção. Eu escorreguei para trás do Lucas e peguei a arma que estava no bolso da frente e apontei para o Hector e o Muralha que se aproximavam de nós por trás.

— Como nos acharam? — Questionei destravando a trinta e oito.

— Acham mesmo que não vigiávamos o marido da delegada? Você já foi mais esperta, Paty.
— Hector sorriu.

— Deixem a gente ir.

— Somos cinco contra dois. Não somos tão idiotas, vadia. Parece que você quem ficou retardada depois que abriu as pernas para esse policial.

— Posso não saber fazer contas — Mantive a minha postura. — Mas sempre fui muito boa de mira. Quantos acha que eu consigo derrubar antes

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que me matem? — Dei um tiro que passou de raspão pelo ombro do Coringa. — Vão tentar a sorte?

— Acha que vamos deixar vocês irem? — Coringa riu.

— Seria a atitude mais prudente que vocês poderiam tomar. Por que acha que o meu pai me mandava para negociar com os bolivianos?

— Você é mesmo estúpida. Acha que consegue ganhar as coisas no grito. Só está ameaçando.

Respirei fundo e apertei o gatilho, acertando entre os olhos de um dos capangas do Coringa antes que o homem tivesse tempo de apertar a própria arma. Eles me menosprezavam e eu sempre usava isso como vantagem. Certamente não tinha sobrevivido tanto tempo naquele mundo de merda fazendo apenas ameaças.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então, quem mais quer descobrir quem atira mais rápido? Agora são quatro contra dois e a arma do Muralha ainda está travada.

— Você é uma *vadiazinha!* — Coringa mostrou os dentes.

— Sou. — Dei de ombros. — Vocês vão nos deixar ir embora.

— Sabe que se isso acontecer não iremos parar de perseguir vocês. — Ele recuou. Coringa era um cara esperto, mas nem ele ou o filho eram muito bons de mira, sabiam que em uma disputa eu poderia matar os dois mesmos eles estando tão perto de mim. Com os segundos que o Muralha levaria para destravar a arma e voltar com os dedos para o gatilho eu já teria colocado uma bala entre os olhos dele também.

— Então, vão tentar a sorte ou vão nos deixar ir embora? — Você não vai sair ilesa — rosnou

PERIGOSAS ACHERON

como um cão furioso.

— Pode continuar latindo a noite inteira, não vamos chegar a lugar nenhum. — Eu estava tentando negociar porque eu tinha medo de tomar algum tiro de raspão ou que o Lucas fosse ferido. Não queria correr esse risco. Em outra situação eu já teria tentado matar os quatro. Porém, o Coringa não precisava saber que eu estava mais prudente.

— Sua...

— Tá, quem eu acerto primeiro? — Abri um sorriso maldoso. No fundo eu gostei daquilo, da forma como o olhar deles vacilou com medo do que eu poderia fazer.

Eu havia me treinado para perceber cada traço deles, cada gesto que indicaria que iriam atirar em mim e quando o outro capanga do Coringa tentou eu fui mais rápida e mais um caiu no chão.

— Três a dois. Só mais um e eu balanceio o

jogo.

— Você é louca!

— Imaginei que já soubesse disso — gargalhei. — Então, Coringa, quer ser o próximo ou vai nos deixar ir?

A arma estava tremendo entre os dedos dele. O homem estava apavorado e eu ia abusar disso.

— Você já foi mais confiante, Coringa.

— Cala a boca, sua puta de policial!

— Para de ofender ela. — Lucas gritou.

— Fica na sua! — Apavorado, Coringa atirou e a bala passou de raspão pela minha coxa.

Chiei com a dor que varreu meu corpo com latência, porém eu me esforcei ao máximo para não demonstrar que estava sentindo o tiro.

Lucas aproveitou que Coringa estava atrapalhado com o próprio tiro e o desarmou. Eu

apontei a arma para o Hector e ele e o Muralha colocaram as suas armas no chão. Lucas as pegou e jogou dentro da mochila.

— Vamos embora daqui! — Pegou a minha mão e saímos correndo.

Alguns quarteirões depois, com a adrenalina baixando no meu sistema eu comecei a sentira dor. Parei com a mão no muro de um prédio e comecei a ofegar.

— Paty, você está bem?

— Não! O tiro que eu tomei está doendo pra caralho. — Olhei de lado tentando observar a dimensão do que havia acontecido com a minha perna, porém o sangue havia sujado o tecido todo e eu só conseguiria ver se tirar a calça.

— Você foi muito corajosa lá.

— Não é o melhor momento para começar a me fazer elogios. — Balancei a cabeça um pouco

zonga. — Se ficarmos muito tempo aqui vão acabar nos pegando.

— Tem um taxi passando. — Lucas esticou o corpo e fez um sinal para o veículo. — Vamos ir para algum lugar mais longe e achar um motel onde possamos passar a noite. Ou podemos ir até a Suzana, um médico precisa ver esse seu ferimento.

— Eu já fui baleada antes, Lucas. A bala só pegou de raspão, vou sobreviver. — Abri um sorriso amarelo.

— Vamos sair logo daqui. — Ele me pegou no colo e entrou comigo no banco de trás do táxi.

— Está tudo bem, senhor? — O motorista tombou a cabeça para trás para tentar nos ver. Por sorte estava escuro o bastante para ele não perceber o sangue na minha calça.

— Sim. — Espremi os dentes tentando conter a fincada de dor. — Eu fiquei um pouco tonta, mas

já está passando.

— Para onde vocês vão?

— Para um motel na Vila Mariana —
respondeu o Lucas.

— Mas existem lugares mais perto.

— Mas tem um lá que eu gosto muito.

— A moça está bêbada?

Achei fofo o taxista ficar preocupado que o Lucas poderia estar me levando a algum lugar para se aproveitar de mim, porém tudo o que eu precisava agora era que ele desse partida logo. Porque eu não queria que o Coringa visse a placa do carro.

— Senhor, vamos logo. Eu estou grávida e o mal-estar me deixa um pouco tonta às vezes. Esse homem lindo aqui — Coloquei a mão sobre o ombro do Lucas. — é meu noivo, só queremos nos divertir um pouco, não se preocupe, eu estou em
PERIGOSAS ACHERON

boas mãos.

— Se é assim. — No instante em que ele viu as alianças em nossos dedos ele ligou o táxi e partimos.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Oito

O táxi nos
deixou
na

recepção do motel e Lucas me pegou no colo outra vez. Escondi os dedos ensanguentados no peito dele enquanto meu namorado se aproximava do balcão onde estava a recepcionista.

— Eu gostaria de um quarto pra noite, por favor.

— Sim, com ou sem hidromassagem?

— Sem.

Eu mordia a língua para conter um gemido de dor, porém eu acho que ela acabou me ouvindo porque se curvou na minha direção.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está tudo bem?

— Sim! Ele é tão romântico. — Suspirei.

— Com a banheira podem aproveitar muito mais a noite.

— Não vamos precisar da banheira. — Lucas foi um pouco menos amistoso do que deveria, mas estava preocupado com o ferimento na minha perna e eu não podia culpá-lo por isso.

— Tá bem. — A recepcionista pegou uma chave e entregou para ele. — Quarto 301, podem subir de elevador se quiserem.

— Obrigado. — Lucas pegou a chave e se apressou para ir comigo até o quarto.

Subimos de elevador e a porta ficava alguns metros à frente. Assim que chegamos diante dela, o Lucas me colocou no chão para abri-la e eu senti uma dor intensa quando apoiei o pé no chão. Torci os dedos das mãos na tentativa de sentir um pouco

PERIGOSAS ACHERON

menos.

— Consegue caminhar? — Lucas se virou para mim assim que abriu a porta.

— O seu colo estava muito confortável. — Balancei a cabeça jogando meu cabelo castanho para trás.

— Está doendo muito?

— Pra caralho!

— Vem! — Ele me pegou no colo outra vez e me levou até a cama.

Rasgamos o saco plástico que envolvia um lençol limpo e colocamos sob o meu ferimento. Não seria bom deixar o quarto todo ensanguentado. Lucas me ajudou a tirar a calça enquanto eu me contorcia com a dor.

— Está menos terrível do que eu imaginava. — Olhei bem para o ferimento. Havia saído muito sangue, o suficiente para sujar toda a perna da

PERIGOSAS ACHERON

minha calça jeans, mas fora um corte superficial, nem precisava de ponto. Deveria ter esbarrado em algum dos meus nervos e por isso doía tanto. — Traz um pouco de papel higiênico e água — pedi ao Lucas.

Ele se sentou ao meu lado minutos depois e me ajudou a lavar o ferimento. Parecia tenso e nervoso.

— Está tudo bem com você? — Joguei o bolo de papel higiênico no chão e ergui o queixo dele.

— Você tomou um tiro, quer que eu diga o quê?

— Ao menos nós estamos vivos. — Dei de ombros.

— Você matou dois caras lá.

— Não foram os primeiros e nem acho que serão os últimos.

Lucas parecia sentir muito mais remorso e

PERIGOSAS ACHERON

arrependimento do que eu. Não dava a mínima para os caras que tinha matado. Tinha aprendido durante a minha vida que em situações como aquela havia apenas uma escolha: ou eu ou eles, tinha que ser mais rápida, aproveitar qualquer brecha e sair viva. Era exatamente o que eu tinha feito.

— Poderíamos ter morrido.

— Poderíamos, mas por sorte eles são péssimos atiradores. Além disso, acho que o Coringa quer me entregar viva para o meu pai. Esse sim deve estar muito puto com tudo o que aconteceu. Provavelmente quer quebrar o meu pescoço ele mesmo.

— Você fala isso como se fosse a coisa mais simples do mundo. — Lucas pegou uma mecha do meu cabelo e colocou atrás da minha orelha.

— É, por que não seria? — Ergui os ombros e franzi as sobrancelhas. — Eu o traí e meu pai quer

PERIGOSAS NACIONAIS

torcer meu pescoço do avesso. É simples como a matemática.

Lucas apenas balançou a cabeça em negativo e eu acabei deixando para lá. Às vezes eu tinha a curiosidade de ver o mundo como ele. As coisas no meu mundo eram bem simples. Ou você estava de um lado ou estava do outro. Eu tinha feito um depoimento contra ele e entregue o esquema todo, para o meu pai isso era uma declaração que eu estava com os federais, estava do lado dos inimigos.

— Parou de sangrar. Acho que fora a cicatriz na sua coxa, vai ficar tudo bem. — Ele se levantou, passando as mãos pelos cabelos escuros.

— Me diz que você não acha uma cicatriz algo sexy? — Ri tentando tranquilizar ele. Mesmo vendo que eu estava bem, o Lucas ainda parecia muito nervoso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está grávida, poxa!

— Nosso bebê está bem. — Acariciei a minha barriga. — Ouvimos o coraçãozinho dele, lembra?

— Paty — Ele se ajoelhou ao meu lado na cama e segurou as minhas mãos entre as dele. — Eu não quero que aconteça nada com você e com o bebê.

— Eu também não. Acha que se eu tivesse escolhido teria tomado um tiro na perna? Só se você tivesse ficado louco né Lucas.

— Sei que não teria escolhido isso. Só estou meio surtando, sei lá. Não é exatamente a forma como eu imaginei que seria pai.

— Eu nem imaginei que ficaria grávida. — Rolei na cama antes de voltar a encarar ele.

— Não quero ter que fugir do seu pai e do pessoal dele para sempre. — Lucas puxou a cadeira e se sentou mais perto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E qual a sua ideia genial para isso? Deixar que eles nos matem? — Fui sarcástica, porém sabia que não adiantava surtar, isso não tornaria as coisas mais fáceis pra nós dois, ao contrário, só pioraria.

— Patrícia!

— Podemos fugir para a Antártica e criar o nosso filho num iglu, contudo a não ser que não deixemos nenhum rastro, nem pegadas. Pode acontecer que meu pai nos ache e nos mate.

— Você não é muito otimista.

— Gosto de deixar meus pés mais perto do chão.

— Por que você não para de pensar nisso e dorme um pouco? — Acariciou meu rosto. — Deve estar cansada.

— Na verdade estou com fome. — Rolei para o lado e puxei o cardápio de cima da mesa. — O Victor disse que era importante eu me alimentar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bem.

— O que tem de vitaminas nesse cardápio?

— Eu não sei. — Levantei uma sobrancelha.

— Mas esse filé à parmegiana parece ótimo. —
Bati com a unha no cardápio.

— Podemos pedir um desse.

— Um não. Dois! Você também precisa
comer, papai.

Lucas abriu um sorriso que aqueceu o meu
coração.

— Você tem razão.

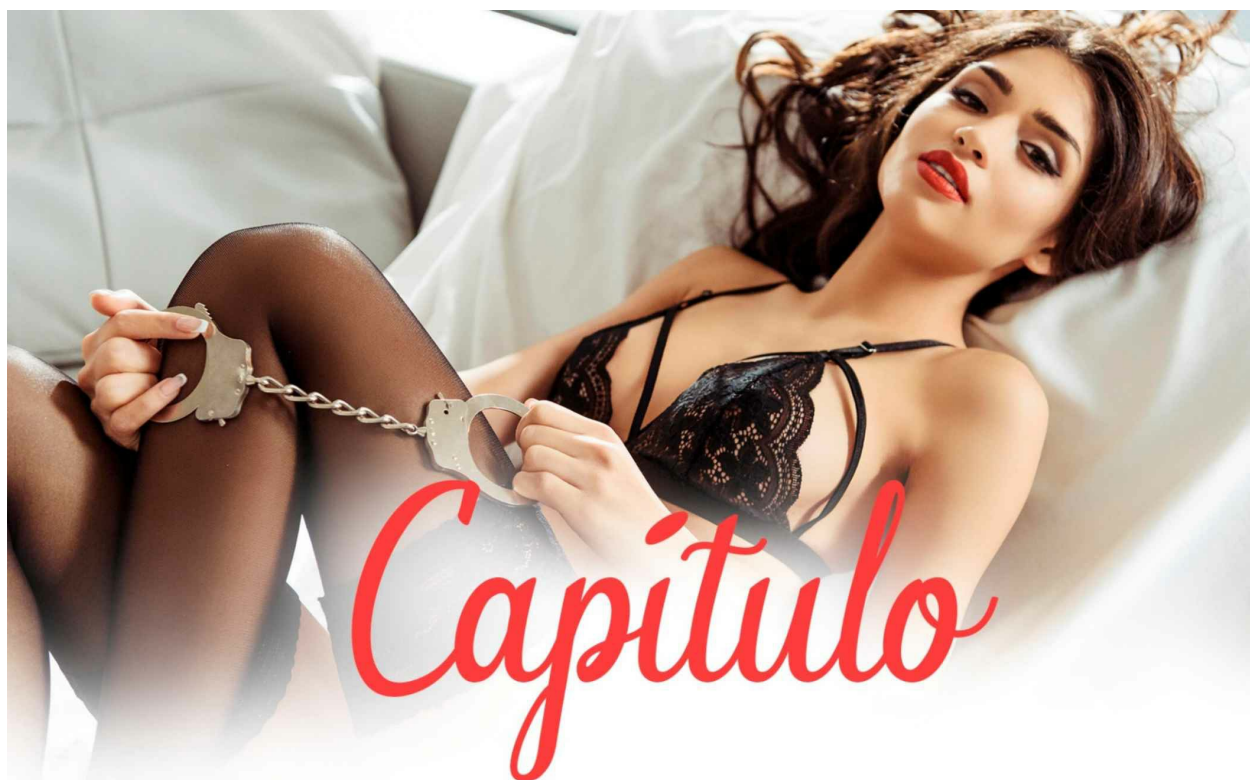
Puxei o telefone e fiz o pedido. Depois de
comermos, acabamos dormindo abraçados.
Estávamos cansados e com o ferimento na minha
perna, nem sei se aguentaria fazer qualquer coisa
com ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Nove

A cordei
com
Lucas

ainda em um sono profundo. Puxei o braço dele de cima de mim e rolei para fora da cama. Com a minha perna dolorida, dei alguns passos mancados até a mesa onde ele havia deixado a mochila. Dentro dela eu encontrei dinheiro, as armas que havíamos tomado dos capachos que trabalhavam para o meu pai e o telefone que a Suzana havia dado para o Lucas.

Peguei o aparelho e liguei para o único número que havia na memória. Ela atendeu no terceiro toque.

— Lucas?

— Não. Sou eu, a Patrícia.

— Ah, oi, Patrícia! — O tom de voz dela alterou um pouco, porém continuou receptiva. Precisava admitir que ela era bem mais gentil comigo do que uma policial deveria ser com uma criminosa.

— Você está bem? O Victor me contou sobre o ultrassom. Estou feliz em saber que o bebê esteja se desenvolvendo bem.

— Sim, ele foi muito gentil com a gente. Eu estou bem fora o tiro que tomei na perna.

— Tiro? — Ela engoliu em seco do outro lado da linha. — Como assim tiro?

Segurei melhor o telefone entre os dedos e contei a ela sobre tudo o que havia acontecido depois que deixamos a clínica onde o marido dela trabalhava.

— Eles pegaram vocês? Onde vocês estão?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nós fugimos e pegamos um táxi. Está tudo bem agora. Acho que estão mais amedrontados do que eu, considerando que eu matei dois deles.

— Céus! Vocês precisam de proteção policial.

— Eu preciso é me livrar do meu pai. Quando pretendem recapturar ele? — Fui direto ao assunto.

— Estamos trabalhando nisso. Acredite, ele não fugiu da cadeia porque achávamos que era o momento dele dar um passeio.

— O que eu acredito ou não, não faz a menor diferença. O ponto é que enquanto o meu pai e os homens dele ainda estiverem por aí e puderem dar ordens, eu e o Lucas corremos o risco de ser mortos no próximo instante. A minha vida já valeu menos para mim, mas agora eu quero viver por causa dessa criança que carrego.

— Eu entendo, Patrícia.

— Entende mesmo? Porque eu coloquei a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha cabeça em risco por causa de vocês e eu estou muito fodida agora.

— Vamos prender o seu pai.

— Como? Em que eu posso ajudar? — manteve a voz firme, no mesmo tom que ela me respondia.

— Você já fez o bastante.

— Se tivesse sido o suficiente meu pai não seria uma ameaça.

— Você tem razão. — O tom de voz de Suzana mudou e ela parecia disposta a jogar menos panos quentes e ser mais sincera e direta comigo. Era exatamente isso o que eu queria e ela finalmente parecia ter notado. — Qual é a sua sugestão? Sabe que seu pai é um homem influente e poderoso. Ele pode estar em qualquer lugar. Já demos uma busca em todos os locais que a facção costumava usar. Não havia nenhum sinal dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meu pai não é estúpido. Ele jamais iria para um lugar que já está queimado. Ele quer ficar fora do radar da polícia. Ele está em algum lugar que esteja no nome de um laranja e que não tenha nenhuma ligação com o tráfico.

— Conhece algum?

— Depois que eu os traí, duvido muito que fossem para um esconderijo que eu tenha conhecimento. Pode ser em qualquer lugar na região metropolitana de São Paulo.

— São várias cidades, muito terreno para cobrir.

— É justamente a intenção dele, não ser encontrado de jeito nenhum.

— Então qual é a sua sugestão? — Ela estava atenta e absorvia cada palavra que eu falava.

— Uma armadilha. Ele quer o meu pescoço, então deixemos que ele venha até mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me parece uma missão suicida, garota. Duvido muito que o Lucas concorde com isso. Nem eu concordo.

— Tem alguma ideia melhor? — questionei ela.

— Eu só quero uma garantia.

— Qual?

— Se eu tiver a oportunidade, eu quero poder matá-lo. Meu pai não fará nenhuma falta para a sociedade mesmo.

— Patrícia, eu sou uma policial. Não posso concordar com isso.

— Me diz que nunca matou nenhum bandido enquanto cumpria o seu dever.

— Alguns, mas é diferente.

— Sim, a sua vida ou a deles. O meu caso é exatamente esse, enquanto ele estiver vivo, eu e o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lucas nunca estaremos seguros. No Brasil não tem prisão perpétua, nem pena de morte, digamos que ele pode dar ordens direto da cadeia, e quando ele sair eu, o Lucas e o nosso filho ou filha ainda seremos um alvo.

— Não vou apoiar isso, Patrícia.

— Não estou pedindo o seu apoio. — Apenas queria que ela fizesse vista grossa caso eu acabasse matando o meu pai. Porém, acho que pelo tom de voz dela e a forma como falou que não iria me apoiar, mas ela deixou subentendido que não me impediria.

— Patrícia, com quem está conversando? — Lucas abriu os olhos e se virou na cama.

— Preciso desligar.

— Não faça nada. Precisamos de um bom plano. Como você mesma disse quer continuar viva pelo bebê.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Até mais, Suzana. — Desliguei o telefone.

Sorri para o Lucas e caminhei para mais perto dele.

— Você está mancando. — Ele acariciou a minha coxa.

— Sim. Ainda dói um pouco quando piso no chão. Mas deve melhorar logo. Ninguém merece essa dorzinha chata por muito tempo. — Sentei ao lado dele e cruzei as mãos sobre os joelhos.

— O que a Suzana queria?

— Perguntar sobre como havia sido a consulta ontem. Acabei falando para ela do nosso pequeno encontro com o Coringa.

— O que ela disse?

— Ficou preocupada com a gente. Mas eu garanti que estávamos bem.

— Eu estava pensando enquanto dormia... —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lucas colocou sua mão grande e quente sobre uma das minhas.

— Sobre o quê? Em mim sem roupa? — Dei uma piscadela para ele.

Lucas riu e balançou a cabeça em negativa.

— Estou decepcionada comigo mesma, achei que proporcionasse a você vários sonhos interessantes. — Mordi o lábio e olhei para o lado.

— Você proporciona, mas não é isso... Não que eu não goste de pensar em você dessa forma, mas... Ah, Patrícia! Você me deixa louco. — Bufou.

— No que você estava pensando? — Abri um meio sorriso enquanto segurava as pontadas de dor e subia no colo dele, de frente, encarando-o.

— Sobre o que você falou de irmos para a Antártica. Não sei se precisamos ir para um lugar tão frio, mas podemos ir para bem longe de tudo

PERIGOSAS ACHERON

isso.

— E a sua carreira na polícia? E o meu depoimento no julgamento do meu pai? — Comecei a massagear os ombros dele que estavam bem tensos.

— Podemos deixar tudo isso para trás e nos preocupar apenas conosco e o nosso filho. — Ele colocou as mãos sobre a minha barriga.

— E pra onde iríamos?

— Qualquer lugar em que o seu pai não possa nos encontrar. Podemos conseguir documentos falsos e começar tudo de novo. A vida de casados que você merece.

— Sabe, Lucas, acho que é por isso que eu amo tanto você? — Escorreguei os polegares pela gola da camisa polo preta que ele estava vestindo. — Você faz com que eu acredite na possibilidade de ter uma vida normal bem longe de toda essa

merda.

— Mas nós podemos. — Segurou a minha cintura e eu o encarei.

— Posso me contentar com a ilusão da possibilidade. — Desci com os dedos pelo peito dele até a base de sua camisa e a puxei para cima.

— O ferimento não está doendo mais? — Ele pegou uma mecha do meu cabelo e tirou de cima do meu ombro antes de segurar o meu rosto.

— Essa merda ainda vai doer por muito tempo, mas quem liga? — Dei de ombros.

— Você é louca.

— Você é um ingênuo se não sabia disso desde o início. — Mordi o lóbulo da orelha dele e o senti arrepiar inteiro.

Ele subiu com os dedos pela minha nuca e agarrou o meu cabelo, puxando pela raiz. Eu soltei um gemido e tombei a cabeça para trás.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É louca, mas é linda pra caralho. —
Mordeu a base do meu pescoço.

Assim que a boca dele tocou a minha pele eu fechei os olhos espremendo as pálpebras enquanto sentia as sensações começarem a tomar conta do meu corpo. Lucas fazia com que eu me perdesse dentro de mim toda vez que me tocava com desejo e erotismo. Meu coração começou a palpitar quando a sua língua úmida traçou o caminho até a minha orelha, cada pelo do meu corpo se arrepiou.

Agarrei ele pelos cabelos e trouxe a sua boca para minha. Mordi o seu lábio inferior até estalar e em seguida enfiei minha língua dentro da sua boca com selvageria.

Ele deslizou as mãos grandes e pesadas pelo contorno do meu corpo até a minha cintura, apertando-a sem se recordar de que eu estava ferida.

PERIGOSAS ACHERON

Ergui um pouco o meu corpo usando os ombros dele como apoio e abri o zíper da sua calça, puxando o seu pênis rígido para fora, movi a minha calcinha para o lado e o enfiei em mim sem o trabalho de tirar completamente as roupas que vestíamos. Gemi ao sentir um pouco de atrito, eu não estava completamente molhada e no início ardeu um bocado, porém logo o meu corpo se recordou o quanto ele era louco de tesão pelo Lucas e eu fiquei mais úmida do que os beijos que estávamos trocando.

Lucas segurava firme a minha cintura e me ajudava com os movimentos circulares sobre o colo dele, sentindo o seu pênis entrando e saindo de mim em meio a uma deliciosa fricção. Eu gemia cada vez mais depois de cada movimento, eu estava embriagada com o prazer que ele me proporcionava. Sexo poderia não ser criminalizado como as drogas, mas tinha um barato muito intenso

PERIGOSAS ACHERON

e era igualmente viciante.

Agarrei o cabelo dele enquanto me movia com ainda mais velocidade. Lucas ofegava contra o meu pescoço, me arrepiando ainda mais. Enquanto transávamos eu até podia esquecer que a porra do meu mundo tinha ruído desde que ele havia ousado colocar o pé nele, ou melhor... o pau.

— Patrícia... — gemeu meu nome enquanto seu corpo se enrijecia e ele apertava ainda mais a minha cintura.

Não parei de me mover, fui com ainda mais afinco, buscando o meu próprio prazer enquanto desfrutava da ereção dele enquanto Lucas gozava em mim. Me reduzi em gemidos quando finalmente fui tomada pelo meu orgasmo. Apoiei a minha testa no ombro dele enquanto recuperava a força e o fôlego.

— Que saco!

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que foi? — Luc as ergueu o meu rosto para que eu o encarasse.

— Estou melada e preciso de um banho, mas tenho certeza que vai doer para caramba quando eu molhar o ferimento.

— Eu deveria ter tirado.

— Você nunca tira. Eu não estaria grávida se você se lembrasse de deixar esse pau fora de mim antes de gozar.

Ele apenas abriu um sorriso e balançou a cabeça.

— Com certeza esse não é o momento que eu imaginava que isso aconteceria, mas eu estou feliz em ser pai.

— Que bom, porque mesmo se não tivesse teríamos que segurar essa barra juntos, porque eu não vou tirar. É a minha chance de fazer alguma coisa boa nesse mundo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você faz muita coisa boa, Patrícia. — Ele segurou o meu rosto e me manteve encarando-o.

— Tipo transar loucamente com você, muitas e muitas vezes? — gargalhei.

— Não apenas isso. Você foi primordial para prender seu pai e desestruturar o tráfico de drogas em São Paulo.

— Ah! — Murchei e o sorriso no meu rosto desapareceu. — Não precisa me lembrar que eu fui uma traíra.

— Seu pai nunca se importou com você.

— E quem se importa? — Saí do colo dele e caminhei para o banheiro.

— Eu me importo. — Lucas apareceu na porta do banheiro e me deu um beijo.

— Sei disso, meu amor. — Abri o chuveiro e comecei a me lavar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cerrei os dentes quando senti uma pontada de dor assim que a água tocou o ferimento de bala na minha perna.

— Tudo bem, Paty?

Fiz que sim com um movimento de cabeça, mas continuei com os dentes bem cerrados.

— Quer um remédio para dor?

— Já lidei com dores muito piores do que essa. Não precisa se preocupar. — Abri um meio sorriso.

— Tudo bem. Eu vou sair para comprar roupas novas e comida.

— Não vai me levar com você? — Fiquei um pouquinho chateada, mas tentei não criar um grande caso com isso.

— Você está machucada, esqueceu? Acho que aqui vai ficar mais segura do que lá fora e eu vou voltar rápido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tá! Mas eu quero chocolate.

— Isso por acaso é algum desejo?

— Não. — Fiz uma careta enquanto enfiava os dedos dentro de mim para me lavar. — Eu só gosto de chocolate. Não mereço chocolate?

— Merece várias barras. Qual você prefere?

— Me surpreenda.

— Tudo bem. — Lucas gargalhou. — Já volto. Se comporta.

— Nossa, fala como se eu fosse terrível.

— E, não é? — Ele piscou para mim antes de deixar o quarto.

Assim que o Lucas saiu eu fechei o registro do chuveiro e saí do banheiro, me secando em uma toalha e me vesti em seguida

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Dez

Sabia que o
Lucas iria
ficar muito

puto comigo quando descobrisse o que eu estava fazendo. Talvez nem quisesse mais falar comigo por um tempo. Eu não ia tirar a sua razão. Também não aprovaria se fosse ele no meu lugar. Era muito louca e suicida a minha ideia, mas parecia a melhor forma de me livrar do meu pai. Eu não queria ficar fugindo e correndo para sempre. Quem queria isso?

Durante a madrugada eu havia pegado um pouco do dinheiro na mochila e colocado no bolso da minha calça jeans suja de sangue. Como era a única que eu tinha precisei comprar outra pelo caminho para não sair por aí ensanguentada.

Joguei ela numa caçamba e peguei um táxi para o Sacomã, região onde tantas vezes eu havia recebido droga dos bolivianos. Iria ser um bom local para rever a família.

— Senhor, pode fazer um favor para mim? É muito importante. — Eu me curvei na direção do motorista assim que desci do taxi.

— Claro, moça!

— Pode me emprestar o seu telefone. É que eu perdi o meu e preciso fazer uma ligação. Eu prometo que não vai durar mais de um minuto. — Peguei o dinheiro e entreguei para ele. — O troco fica pela ligação.

— Sim. — Ele tirou o celular do bolso e o entregou a mim.

Peguei o aparelho e liguei para a emergência.

— Alô, é da central de atendimentos da polícia?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim — respondeu uma mulher do outro lado da linha.

— É a Patrícia, avise a delegada Suzana da narcóticos que eu estou esperando ela na estação de metrô do Sacomã.

— Que Patrícia... — Desliguei antes que ela pudesse prosseguir com a pergunta.

— Polícia? — O taxista ficou pálido.

— Muito obrigada. — Entreguei o celular para ele. — Tenha um bom dia. — Fechei a porta e sai andando.

Se eu estava apavorada? Eu estava tremendo, mas tentei manter a postura enquanto subia a escadaria do lugar. Eu sinceramente torcia para que a Suzana fosse a primeira a receber aquela mensagem, porque eu não tinha dúvidas de que ela chegaria ao meu pai. Havia sido dada a largada e logo eu veria quem ia chegar primeiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Comprei uma coxinha e uma lata de *refri* na lanchonete antes de comprar o bilhete e atravessar as catracas como qualquer pessoa normal que estava passando por ali.

Em momentos mais tranquilos da minha vida eu havia agido com menos normalidade. Sentei em um banco como se estivesse esperando um dos trens e cruzei os braços sobre as pernas. Fora a arma que eu escondia sob a blusa, a mesma que o Coringa havia apontado para a minha cabeça na noite anterior, eu estava desprotegida.

Tentava não tremer e nem ficar olhando de um lado para o outro como se estivesse desesperada. Estava. Entretanto, qual era a probabilidade da minha ligação chegar ao meu pai? Baixa! Na Suzana era pior ainda. Ela era uma delegada da narcóticos, quantos graus na hierarquia estava acima da atendente que me ouvira?

PERIGOSAS ACHERON

Era bem provável que tudo aquilo fosse uma tentativa inútil de tentar prender o meu pai. Ele não viria em pessoa, mesmo se mandasse alguém. Certamente a polícia também não me socorreria. Eu já havia sido menos tola em muitos momentos da minha vida. Toda a minha ideia brilhante só serviria para deixar o Lucas cuspiendo marimbondos em mim pela minha estupidez.

Respirei fundo e fiquei de pé. Estava na hora de voltar para o motel. E aguentar o Lucas, com razão, enfurecido.

Assim que cheguei à saída para a rua eu fui surpreendida por dois homens.

— Olá Patrícia!

— Hector e Muralha, não posso dizer que estou feliz em ver vocês. — Cruzei os braços e os encarei de peito estufado.

— Imaginei que estivesse com aquele seu

namoradinho.

— Eu estou arrependida. — Engoli em seco.

Que melhor estratégia eu tinha?

— Arrependida? — ele gargalhou.

— Sim. Você não faria de tudo pela Bianca?

— Cala a boca, sua prostituta duas caras! —

Ele esbravejou, fazendo com que as pessoas que passavam por nós olhassem torto para ele. — Você não tem o direito de falar assim da Bianca. Ela jamais nos trairia como você fez.

— Eu estava apaixonada.

— E não está mais? — questionou o Muralha.

— Eu só consigo ver as coisas com mais clareza agora e estou arrependida.

— Arrependida? Ah, fala sério!

— Eu só queria ver o meu pai. Soube que ele fugiu da cadeia. Acho que as coisas podem voltar a

PERIGOSAS NACIONAIS

ser como era antes...

— As coisas nunca voltam a ser como antes, vadia.

— Me leva logo até o meu pai! Não é para isso que estão aqui?

— Ele vai acabar com você. — Hector me puxou pelo braço e saiu me arrastando.

— Me solta! — Tentei me esquivar do agarre dele. — Eu vou te seguir, não precisa me arrastar.

— É melhor nos prevenirmos, ontem você estava bem estressada. Matou dois caras.

— Eu só estava tentando me proteger.

— Cala a boca e entre no carro!

O Muralha abriu a porta de um veículo que estava estacionado em uma das ruas atrás da estação do metrô e me empurrou para o assento no banco de trás.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

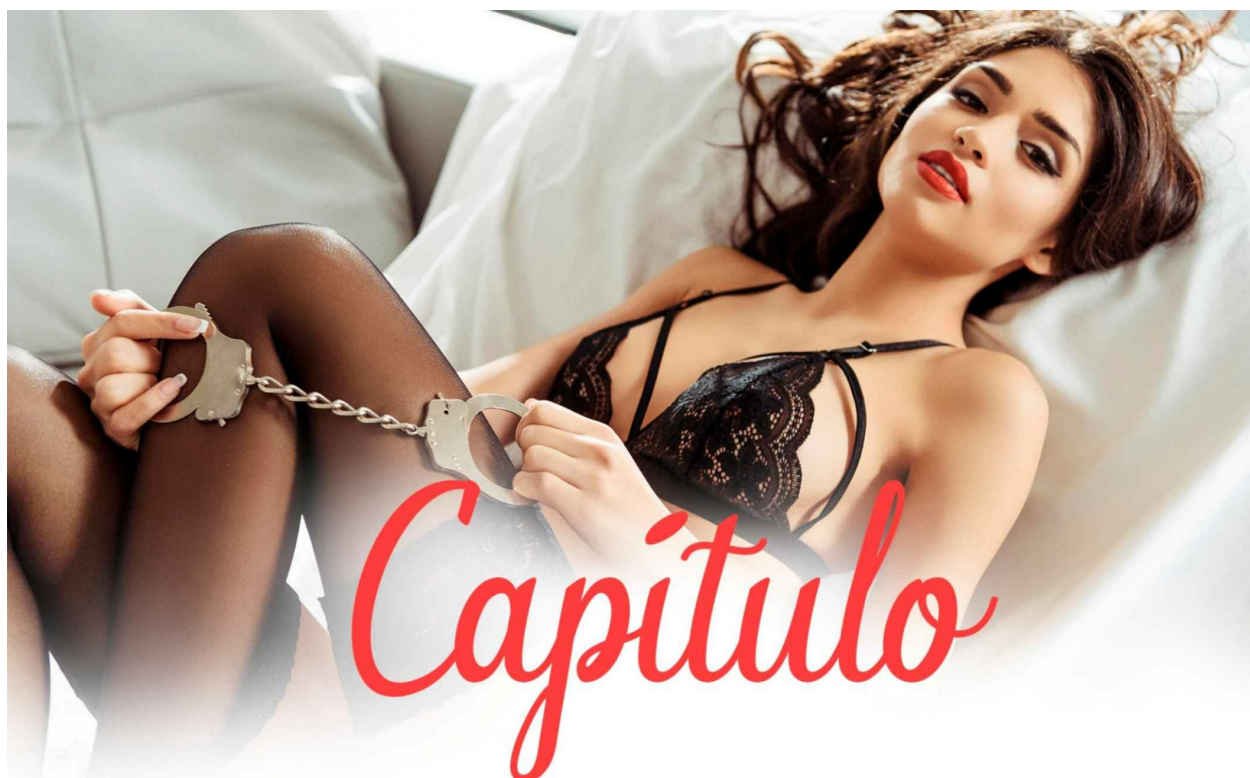
— Calma! Você está me machucando.

— Você não tem direito de dizer mais nada.

Deixou a sua coroa cair, princesa. Não tem mais o direito de ordenar nada. — Hector ligou o carro e acelerou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Onze

Eles me
tiraram
do carro

na frente de um galpão abandonado. Um lugar que essas fábricas tinham o costume de locar para colocarem máquinas e produzir as mais diversas coisas. Eu não era boa em memorizar rotas, mas sabia que estávamos bem longe do centro de São Paulo, por todas as pistas de grande movimento que havíamos pegado. Eu poderia estar em qualquer lugar: Campinas, São Bernardo ou até mesmo em um galpão no Porto de Santos.

Se fosse, eles poderiam me matar e jogar o meu corpo na água, eu nunca seria encontrada. Genial, Patrícia! Quis rir de mim mesma. Para

PERIGOSAS NACIONAIS

quem queria preservar a vida do bebê que havia dentro do meu ventre, tinha tomado a atitude mais estúpida e idiota do mundo.

Coloquei as mãos sobre a minha barriga quando Hector me jogou com toda a força em cima de uma cadeira fria no centro do galpão.

— Ai! Cuidado, filho da puta! O tiro que seu pai me deu ainda está doendo para caralho.

— Foi pouco! — Ele pegou meus pulsos e amarrou atrás da cadeira. — O que é isso aqui?

Merda! Ele acabou achando a arma que estava escondida.

— Estava pensando em atirar na gente em algum momento? — Ele chutou meu ferimento e eu urrei de dor.

— Desgraçado, filho da puta! — Comecei a xingar. — Quero só ver quando eu me soltar e enfiar meus dois dedos dentro dos seus olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é muito boa em ameaçar.

— Pergunta para os dois caras ontem se eu só ameaço. Ah, não dá! Eles estão no inferno. — Soprei a mecha de cabelo que havia caído sobre os meus olhos e encarei o desgraçado com toda a minha fúria.

— Ainda parece a mesma garota mimada. — Ouvi a voz do meu pai e virei a cabeça de um lado para outro procurando por ele. Então o encontrei entrando no galpão e estremeci.

Havia conseguido. Estava cara a cara com aquele maldito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Doze - Lucas

— Boa tarde! — Passei pela mulher
— **B**da recepção e segui até a
escada.

— Oi! Senhor, quer a chave para o mesmo
quarto?

— Como assim chave para o mesmo quarto?
— Girei para encará-la. — A Patrícia não está lá?

— A mulher que estava com você? Não! Ela
pagou pelo quarto e foi embora. Não imaginei que
você fossem ficar mais tempo. Estadias longas não
são muito comuns.

— Idiota! — esmurrei a parede.

— Está tudo bem?

— Não, não está. — Caminhei até a porta. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Não quero mais o quarto.

A Patrícia sem dúvidas era um dragão na cama. Ela era uma mulher muito forte em diversos aspectos, mas às vezes parecia uma criança. Que merda ela achou que poderia fazer sozinha? Eu estava muito puto e muito preocupado na mesma proporção. Depois de ontem, se pegassem ela, eles iriam acabar matando-a e eu não ia conseguir viver com isso.

O que mais me desesperava era que eu não fazia a menor ideia de onde ela poderia estar, só que havia ido atrás do pai e essa era a maior estupidez que ela poderia ter feito.

No auge do meu desespero só havia um lugar que eu poderia ir. Desci até a avenida e dei sinal para o primeiro táxi que passou.

Abri a porta e sentei no banco do carona.

— Para onde vamos?

PERIGOSAS ACHERON

— Para a superintendência da polícia federal na Lapa.

— Legal! Você é um policial?

— Sou.

Aquela resposta ecoou dentro da minha mente como um sino que badalava diversas vezes de um lado para o outro. Eu era um policial! Tinha lutado desde de garoto para me tornar um federal, para ser um super-herói do jeito lícito. Desde que havia me aproximado da Patrícia eu tinha me esquecido de como era isso. Tinha deixado de lado a sensação de ser o mocinho que prendia os bandidos e tive a sensação de que para ter ela outra vez eu precisava me recordar desses princípios mais básicos.

Desci do táxi em frente ao grande prédio e passei pela recepção, e subi de elevador até o andar da narcóticos.

— Oi, Lucas! — Jonas, um antigo colega que

havia trabalhado comigo em algumas investigações passou por mim assim que virei o corredor. — Você por aqui? *Tava* sumido. — Eu sentia o deboche no seu tom de voz. O idiota, assim como todos os demais ali, sabia sobre o meu envolvimento amoroso com a Patrícia.

— Eu estava de licença, porém resolvi voltar. Onde está a Suzana?

— A chefe está na sala dela, mas está em reunião.

— Obrigado! — Passei por ele e segui pelo corredor entre as baias com os outros policiais me encarando até que cheguei na sala da Suzana e entrei sem bater.

Ela estava no telefone, mas o homem sentado diante dela tomou um susto com a minha entrada abrupta. Parei na porta e esperei que a Suzana desligasse o telefone.

— Estamos mandando algumas viaturas. Certo, obrigada, fique por perto e me mantenha atualizada. — Ela baixou o telefone e me encarou. — Olá, Lucas. — Parecia menos surpresa do que eu imaginava.

— Suzana a Patrícia foi atrás do pai dela.

— Eu sei.

Arregalei os olhos. Puta que pariu! Como aquela mulher sempre sabia de tudo? Era mais do que uma simples leitura de expressões faciais, às vezes era como se ela tivesse uma bola de cristal.

— Como você sabe? — Apertei a maçaneta da porta.

— Bom, você não chegaria aqui apavorado e sozinho se ela não estivesse em risco. Além disso, ela ligou para a central de emergência pedindo para se encontrar comigo na estação do Sacomã. Era uma armadilha para o pai dela, o que certamente

não funcionou, porque o pai dela não iria atrás dela ele mesmo e se exporia em um ambiente público.

— Onde ela está? — Engoli em seco.

— Quando a equipe chegou lá já era tarde demais.

— Eles a mataram? — Senti minhas pernas ficarem bambas e a sala da Suzana começar a girar.

— Não, Lucas, calma! Eles só a levaram, não tem motivos para você ficar desesperado. Patrícia ainda é um deles, não devem matá-la, ao menos não por enquanto.

— Como pode ter tanta certeza?

— Se fossem matá-la já teriam feito. Acalme-se! Nós vamos encontrá-la.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Treze

— **E**sperava que tivesse o mínimo de decência em não olhar na minha cara de novo — meu pai rosnou, mostrando os dentes como um cão feroz.

— Imaginei que tivesse com saudades de mim. — Fui sarcástica. — Eu senti a sua.

— Deveria tê-la afogado em uma banheira no instante em que nasceu. — Ele caminhou de um lado para o outro e parou na minha frente com as mãos dentro dos bolsos.

— Mas você se esquece, pai, que sem mim você nunca teria chegado onde chegou. Eu estava lá para ser seu objeto de troca e limpar a sua bagunça.

— Disse bem. Estava! Até decidir virar as costas para todos nós. Trocou todo o império que PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu construí por um pau. Não conseguiu segurar as pernas fechadas, vagabunda!

Rosnei tentando me libertar das algemas que me prendiam à cadeira, mas tudo o que consegui foi machucar os meus pulsos. Eu estava furiosa com as ameaças e isso parecia evidente em meus olhos.

— Lave a boca antes de me chamar de prostituta só porque eu estava dormindo com um cara. Você já fez tanta merda por mulheres que eu nem consigo contar em todos os meus dedos.

— Mas nenhuma delas me fez ser preso, como você. E tudo isso por causa da porra de um policial que você colocou dentro do esquema e fudeu todos nós. E para piorar salvou o cara quando o Coringa ia matá-lo e deu um depoimento que incriminou todo mundo. Para quê?

— Para salvar a minha pele. — Eu o encarei

PERIGOSAS ACHERON

sem me deixar amedrontar. — Não foi isso que sempre me ensinou, salvar a minha pele custe o que custar? Foi isso o que eu fiz. Eles me ofereceram um acordo de não indiciamento, teria uma chance de começar de novo e peguei isso.

— Para ficar com o policial? Acha que eu vou bater palmas para você por isso? Achei que fosse menos ingênua.

Balancei a cabeça em negativa, jogando os cabelos de um lado para o outro.

— Não! E u queria uma vida nova por causa do meu filho. — Meu pai arregalou os olhos e ficou boquiaberto, porém eu não deixei que ele dissesse nada e prossegui. — Isso, pai, você vai ser vovô. Eu estou grávida.

— Tá de sacanagem, né? Acha que eu sou ainda mais idiota? Fala sério!

— O que acham que eu fui fazer na clínica

onde o marido da delegada federal trabalha? Um passeio no shopping que não foi. Eu fiz o meu primeiro ultrassom.

— É um menino? — Eu o vi hesitar diante de mim.

— Ainda não sei. — Baixei o rosto fingindo me simpatizar com a súbita mudança de humor dele. Tinha acabado de jogar na mesa uma das poucas cartas na manga que eu tinha e esperava que meu pai não tivesse o maior coração de pedra do mundo e acabasse mordendo a minha isca, mesmo que fosse por pouco tempo, porque eu sempre soube muito bem de quantas coisas ele estava disposto a abrir mão em função do grande império dele.

— É do policial?

— Do Muralha. — Revirei os olhos. Era uma pergunta ridícula e ele mereceu a minha resposta

desaforada.

— Não está em posição de fazer piadinhas.

— O Diogo, Lucas, seja lá qual a porra do nome dele era o único cara com quem eu estava transando. Então sim, é dele.

— Quando me ofereceram um milhão de dólares por você eu deveria ter deixado te levarem.

— Seria estupidez, já que eu fiz com que você lucrasse muito mais do que isso com o passar dos anos, enquanto traficava para você e você me prostituía com os chefes dos cartéis em troca de acordos melhores. Pelo menos o Lucas não era nenhum dos homens velhos e nojentos com quem já me fez dormir.

Meu estômago se revirou e eu senti um calafrio. Havia lembranças que na maioria das vezes eu tentava apagar da minha mente. Fingir que nunca haviam acontecido e não passavam de um

terrível pesadelo, mas uma dessas cismou em assombrar a minha mente.



Não era um dia como qualquer outro. Não para uma garota de quatorze anos. Eu estava empolgada e era ingênua demais para entender as possíveis consequências daquilo. Antes daquele dia eu ainda brincava de bonecas e tinha sonhos e esperanças de que teria a vida de uma princesa.

Meu pai nunca escondera que preferia ter tido um filho homem e nem para isso a minha mãe viciada tinha servido. No entanto, quando eu subi com ele naquele avião a caminho do México, eu me senti importante, especial e muito querida.

Dez anos haviam se passado desde aquela noite, eu era uma mulher muito diferente e havia

aprendido muito com a vida. Porém ainda conseguia lembrar de todos os acontecimentos com uma apavorante riqueza de detalhes.

Chegamos pela manhã em um hotel na cidade de Matamouros, num estado que faz fronteira com o Texas, nos Estados Unidos. Era a minha primeira grande viagem e achava que eu e meu pai teríamos um bom momento juntos. Nunca estive tão enganada.

Deixei as malas no quarto e corri para a janela, observando a vista para a enorme piscina onde algumas pessoas estavam bebendo e se deitando ao sol. Era um lugar bonito, não que em São Paulo não tivesse grandes hotéis, mas nunca tinha visto um como aquele.

— Eu posso ir até a piscina? — pedi ao meu pai que estava no corredor, conversando com uma camareira sobre coisas que não dei importância.

— Pode, mas não demora muito, precisa estar aqui para o jantar. Comprei um vestido para você. Está em sua cama.

— Obrigada! — Dei um beijo no rosto dele e descí correndo, esgueirando-me entre os hóspedes para chegar até a piscina.

Foi uma tarde muito feliz e completamente contrastante com a noite que eu teria.

Quando eu voltei para o quarto, tomei um banho e coloquei o vestido vermelho, justo e apertado demais para uma menina. Porém eu não dei importância, se o meu pai havia comprado, deveria ser porque ele achava que ficaria bonito em mim.

Voltei para a área da piscina onde estava acontecendo uma grande festa e vi o meu pai sentado em um sofá com duas mulheres, uma de cada lado e um grupo de homens estavam ao lado

dele. Não me recordava de tê-los visto em alguma outra ocasião, mas os cumprimentei com um sorriso, tentando ser gentil e agradar o meu pai.

— Essa é a Patrícia, minha filha. — Ela apontou para mim e os homens me olharam de cima a baixo sem qualquer comedimento e senti como se pudessem enxergar através do meu vestido.

Fui varrida por um desagradável calafrio e me encolhi involuntariamente. Meu corpo naquela época já não era tão mais de menina, meus seios e as minhas curvas já estavam formados e eu fazia um certo sucesso na escola, tivera alguns namoradinhos e mãos bobas, mas nada havia ido muito longe.

— É muito bonita a sua filha. — Um dos homens que conversava com meu pai continuou me encarando. Ele tinha olhos e cabelos castanhos,

esses eram encaracolados e grandes ao ponto de tocarem os ombros. O sujeito deveria ter trinta, talvez quarenta anos, uma idade não muito distante da do meu próprio pai.

— Então, Alejandro, como eu estava falando pretendo expandir a distribuição no Brasil. Já tenho traficantes no sul de Minas Gerais e no Espírito Santo só esperando a droga para colocá-la nas ruas, além de São Paulo e do próprio Rio de Janeiro, onde já estou em casa. — Meu pai abriu um sorriso e estendeu os braços ao redor dos ombros das mulheres.

— Então precisa da minha mercadoria?

— Você tem contato com a coca da melhor qualidade e inspeciona a produção dela nos laboratórios. Imagino que a nossa parceria possa render muitos frutos.

— Quanto quer? — O homem foi direto ao

assunto, encarando o meu pai com firmeza. Até eu estremeci, mesmo que aquele olhar não fora direcionado a mim.

— Meia tonelada, acho que é o suficiente para começar. — Meu pai não titubeou e devolveu o olhar com a mesma firmeza.

— Estamos falando de quase dois milhões de dólares.

— Um milhão e meio. Se me vender o quilo a três mil dólares como os bolivianos tem comercializado a deles.

— Mas a nossa já vem melhor processada. — O homem se ajeitou na cadeira.

— Mais processada e diluída, você quer dizer?

O sujeito engoliu em seco e esperou que o meu pai continuasse.

— Um milhão e meio de dólares e nenhum
PERIGOSAS ACHERON

centavo a mais por isso.

— Certo. E como pretende me pagar?

— Em um mês eu devo ter juntado todo o dinheiro. Pago você em um único malote.

— UM MÊS?! — Alejandro começou a rir. — Você só pode estar de brincadeira comigo. Acha que eu vou te dar a minha droga sem nenhuma garantia e esperar um mês para que você me pague? Está achando que eu sou algum tipo de idiota, Camaleão? Você não sai daqui com nenhuma grama sem o meu dinheiro.

— Acha que um milhão de dólares é uma quantia fácil de juntar?

— Estou pouco me fudendo se é fácil ou não. Se não tem o dinheiro eu não vou te entregar a droga... — ele olhou de relance até que seus olhos se prenderam em mim e ele abriu um sorriso sombrio. — Ela é virgem?

Pressionei as unhas contra o encosto do sofá onde meu pai estava sentado e estremeci.

— Sim. Ela é. — Meu pai sorriu de volta.

— Eu dou cem quilos se a entregar no meu quarto mais tarde e deixo você levar o restante para me pagar em quinze dias.

— Acha que eu vou te dar a virgindade da minha única filha só por cem quilos? Eu não a trouxe aqui para isso.

— Então por que a trouxe? — O homem conversava com o meu pai, mas ainda tinha os olhos presos em mim. — Quanto quer por ela?

— O carregamento inteiro.

Ouvir meu pai dizer aquilo me fez tremer e ser tomada por um pavor intenso. Não conseguia acreditar que ele estava me negociando com aquele homem.

Alejandro coçou o queixo enquanto ainda
PERIGOSAS ACHERON

olhava para mim. Ele pensou por um minuto ou dois até se levantar e estender a mão para o meu pai.

— Feito! Essa não é uma negociação que poderá se fazer de novo, afinal. A não ser que tenha outras belas filhas. — Ele me devorava com o olhar e eu me encolhia dentro de mim mesma com pavor.

— Vai ser um investimento que pretendo fazer render. — Meu pai também sorria.

Eu não tinha ideia do que realmente aconteceria e qual era o preço que o meu pai havia combinado que eu pagaria pelo negócio dele. Se soubesse, talvez saísse correndo. Não que isso fosse adiantar de alguma coisa, mas eu teria tentado.

— Vem comigo, moça. — O homem estendeu a mão para mim.

— *Eu não quero. — Recuei.*

— *Vá com ele. — Ordenou meu pai em tom firme.*

— *Não...*

— *Vá! Ou prefere que eu arraste você?*

Com medo de que a punição que meu pai me daria por desobedecê-lo fosse pior do que o que aguardava por mim, eu segui aquele homem para o saguão do hotel e até o seu quarto. Era um ainda maior e mais confortável do que aquele que eu estava com o meu pai.

Assim que eu passei pela porta, ouvi o som da fechadura sendo trancada. Não havia mais para onde fugir.

— *Quer um pouco de uísque? — Alejandro caminhou até uma pequena mesa com garrafas de bebidas e se serviu.*

— *Não, obrigada. — Fui recuando até*
PERIGOSAS ACHERON

encostar na parede.

— Por que não deita na cama?

Olhei com o canto de olho para o móvel a alguns metros, mas não me movi.

— Estou bem em pé.

— Deixa eu dizer de novo, acho que não me entendeu. Eu quero que deite na cama. — Ele deixou o copo de uísque sobre a mesa e caminhou na minha direção.

Eu abracei a mim mesma num gesto involuntário.

— Quero ficar aqui.

— Sabe, eu gosto das mais arredias. Elas me deixam excitado. — Ele passou a mão pelo meu rosto e cheirou uma mecha do meu cabelo, isso fez o meu estômago revirar. — E você é tão linda.

— Eu quero ir embora. — Tentei empurrá-lo

pelo peito, porém não tinha forças para tirá-lo do lugar.

— Calma, você não vai a lugar nenhum. Por um milhão e meio de dólares eu quero a noite inteira com você. — Ele escorregou os dedos pelo meu pescoço até início do decote do meu vestido. — Tem seios lindos também, parecem bem redondos e firmes. Porque não começa mostrando eles pra mim?

— Não! — Tentei cobrir meus seios com as mãos, mas ele segurou os meus braços.

— Não seja rebelde. — Segurou meus pulsos contra a parede com uma das mãos enquanto com a outra puxava os meus seios para fora do decote.

O toque dele fez os mamilos se petrificarem contra a minha vontade e eu senti mais calafrios. Queria empurrá-lo, mas não conseguia libertar os meus braços.

— Me solta, por favor!

Ele ignorou completamente a minha súplica ao passar a língua entre os meus seios.

— É saborosa e macia... — abocanhou um dos meus mamilos e começou a chupar.

— Para com isso! — Eu lutava para afastá-lo enquanto meu corpo estremecia.

Um soluço escapou dos meus lábios e uma lágrima começou a escorrer pelo meu rosto no ritmo em que ele tirava o vestido. Àquela altura eu já sabia o que ele pretendia fazer e a minha inocência havia sido deixada para trás. Entretanto, eu não conseguia entender porque ele havia escolhido a mim, uma menina inexperiente e muito, muito assustada.

— Me solta... — a minha voz já não era mais tão enfática, pois o pavor a suprimia.

Quando ele soltou as minhas mãos e eu achei

que finalmente estaria livre, Alejandro apenas aproveitou para tirar meu sutiã e jogar a peça no sofá.

— Que delícia! — Voltou a chupar e lambe meus seios.

Ele mordeu o meu mamilo e eu gritei de dor, mas o sujeito não parou. Tentei chutá-lo, mas ele segurou a minha perna e rasgou a minha calcinha.

— Preferia que tivesse raspadinha, mas nem tudo é como queremos, não é? — Sorriu enquanto me pegava pelo ombro e me arrastava até a cama.

— Por que está fazendo isso comigo?

— Seu pai te vendeu para mim, garota! Ainda não percebeu isso? Por que não cala logo essa boca e começa a gemer. — Ele me jogou com força contra cama e eu senti minha cabeça chicotear contra o colchão.

Eu estava tonta demais para levantar e sair

correndo enquanto ele tirava a própria roupa e as deixava ao pé da cama. Vi o belo lustre de cristal do quarto girar quando Alejandro me puxou pelas canelas. Tentei mover as minhas pernas, me libertar, mas tudo o que eu consegui foi me virar de um lado para o outro, histericamente.

Ele me ajeitou no meio da cama enquanto se ajoelhava entre as minhas pernas. S eu pênis tocou na minha vagina intacta, que não o queria nem estava pronta para ele e, aos berros, tentei me esquivar. Meu coração queria sair pela boca. Meu estômago revirava, mas quando ele esfregou o pau em mim meu corpo ardeu e eu me senti ainda mais apavorada.

— Me solta! — Foi o último grito que consegui soltar.

Logo aquele pedaço duro dele me invadiu e me rasgou. Ele entrou sem qualquer aviso e eu não

estava preparada para toda a dor que eu senti. Alejandro começou a se mover e eu fiquei paralisada com a dor. Não tinha mais força para brigar, para gritar ou tentar esbofeteá-lo. Imóvel, com os braços estirados na cama e os dentes cerrados, eu fiquei como uma boneca de pano, um trapo, enquanto ele se movimentava em cima de mim, continuava a me rasgar e ora ou outra lambia meus mamilos e outras partes do meu corpo.

Alejandro parecia estar gostando muito daquilo, porque a dor durou uma eternidade. Quando eu achei que ele tinha acabado por ter saído dentro de mim, ele apenas me girou na cama como quem virava um bife em uma frigideira e enfiou de novo. Eu sentia o cheiro de sangue empestear o quarto, mas isso não parecia incomodá-lo. Alejandro agarrou a minha bunda e enfiava cada vez mais fundo. Eu gemia de dor e ele de prazer.

Uma eternidade depois ele finalmente saiu de mim e caiu exausto do lado da cama. Contornou meu corpo com as mãos e eu me encolhi em posição fetal. Eu estava enojada e muito, muito dolorida.

Embora ele tivesse ficado exausto por alguns minutos, ele não tinha acabado, quando imaginei que teria paz ele me pegou pelos pulsos e me fez ajoelhar na cama.

— Fica de quatro, vagabunda!

— Chega! — Voltei a chorar.

— De quatro! — Me empurrou na direção da cabeceira da cama e enfiou em mim de novo.

Ele não dormiu. Tomou breves fôlegos e me violou repetidas vezes até o dia amanhecer.

Quando Alejandro saiu do quarto na manhã seguinte, eu estava enrolada em um lençol tremendo e envolta no meu próprio sangue. Fui

encontrada por uma camareira que me deu um banho e uma pílula do dia seguinte, torcendo para que o pior não acontecesse.



Eu carreguei aquilo comigo durante muitos anos. Não foi a última vez que o meu corpo foi trocado por alguma coisa ou algum cara se aproveitou mais do que deveria de mim, mas daquela eu fiz questão de me vingar. Uns seis anos depois, quando meu pai já havia se estabelecido como o traficante mais poderoso de São Paulo e eu tinha dinheiro e recursos ilícitos ao meu favor, fui atrás do maldito que tinha me usado como uma boneca inflável.

Com ajuda do melhor detetive que pude pagar, eu vasculhei a vida do homem de cabeça

para baixo e achei um motivo para colocar ele contra um quartel inimigo. Nas sombras eu ajudei a preparar uma emboscada. Quando o carro dele foi alvejado por entrar em uma ruela, eu estava lá e surgi como um fantasma.

Abri a porta do carro e o joguei no chão com toda a minha força.

— Quem é você? — Ele se encolheu, colocando a mão sobre o ombro que havia sido atingido por uma bala. — Foi você quem matou meus homens, desgraçada?

— Eles vão me agradecer por terem tido uma morte, o que eu não posso dizer da sua. — E u me ajoelhei ao lado dele e enfiei o dedo no ferimento.

— Ah, para com isso! — Ele tentou me empurrar, mas eu me esquivei para o lado.

— Sabe o que eu aprendi naquela noite? Que eu precisava ser forte para que não me fizessem

sangrar daquele jeito de novo. Hoje eu gosto de ver o medo nos olhos dos homens como você.

— Você é louca!

— Sim! Eu gosto disso. — Enfiei o dedo com ainda mais força e fiz o sangue fluir, assim como ele havia feito comigo.

Alejandro urrou de dor e era como música para os meus ouvidos. Eu queria isso, queria fazê-lo pagar pelo que havia feito comigo. Agora ele era a donzela em perigo e eu o predador prestes a devorá-lo. Ele tentou me empurrar, mas eu era mais ágil e girei, mantendo o dedo na sua ferida. O sangue escorria pelo chão e molhava o asfalto e o cheiro era ainda mais forte do que o daquela noite.

— Quer me matar? Faça isso logo. Atira em mim!

— O que, acha que eu vou te dar um tiro de

misericórdia? — gargalhei. — Não achava que um homem como você pudesse ser tão ingênuo. Morrer você vai de qualquer jeito, mas eu estou aqui para garantir que sofra o máximo possível e para que o último rosto que se lembre quando chegar no inferno seja o meu.

— Vai se encontrar comigo lá, vadia! — Ele cuspiu sangue em mim.

— É provável, mas você chegará lá antes e pode ir preparando o terreno. — Puxei ele pelo cabelo e bati com sua cabeça na ferragem do carro.

— Só está fazendo isso porque eu estou fraco eu queria ver se...

— Se o quê? Se eu ainda fosse a garota de quatorze anos que você estuprou? É muito fácil quando você é o mais forte, não é?

— Foi seu pai quem vendeu você para mim.

Ele não reclamou nem um pouco do carregamento de cocaína que eu entreguei em troca da breve noite que passamos juntos.

Ele passou a língua pelos lábios como se saboreasse as lembranças que vinham a sua mente e eu acertei seus dentes com um soco, sem me importar com o quanto meus dedos doeram por isso.

— Seu porco! Mas não se preocupe, eu sei que o meu pai tem culpa nisso e o dia dele não vai demorar a chegar.

Parei de enfiar o dedo no ferimento dele e abri suas calças.

— O que está fazendo? Para com isso, sua louca!

Não dei importância para os gritos desesperados dele, na verdade eles me motivaram. Desci sua calça e a sua cueca e peguei seu pênis

flácido entre os meus dedos.

— Fica longe de mim!

Abri um sorriso sombrio nos lábios quando peguei o canivete que ele exibia na cintura e usei para começar a cortá-lo como se fosse um pedaço de carne. Alejandro começou a gritar e se debater, mas eu não parei. Joguei dentro da boca dele, assim que terminei.

— Louca! — Cuspiu o próprio membro.

— Diga oi ao diabo por mim. — Eu me levantei e o deixei sangrando no asfalto.



Eu sabia que o Alejandro não era o único responsável pelo monstro que eu havia me tornado e quando eu ergui a cabeça e encontrei meu pai me encarando eu o fuzilei com o olhar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é a maior decepção que eu já tive, Patrícia. — Ele deu um tapa na minha cara e meu rosto chicoteou para o lado. Senti a minha bochecha arder, mas isso não me intimidou.

— Acho que posso dizer o mesmo de você, pai.

— Pensa que vai poder sair daqui, não é? Que vai conseguir ir correndo para aquele policial e que ele vai proteger você? É tão estúpida! Ele só te usou.

— No fim todos só me fodem, né? Ao menos ele me fez gozar.

— Mata ela logo! — Coringa surgiu na entrada do galpão e caminhou até nós. — Não vê que ela só está tentando ganhar tempo.

Ele se colocou ao lado do meu pai e me encarou com desdém.

— Sua cadela, não vou deixar que faça aquilo

PERIGOSAS ACHERON

comigo outra vez.

— Tem razão. — Gargalhei. — Você está meio velho para se cagar todo desse jeito. Imagino como tenham ficado as suas calças depois do nosso breve encontro.

— Do que ela está falando? — Meu pai o encarou em busca de respostas.

Enquanto Coringa recuava um passo eu tentava me livrar das algemas. Uma das coisas que eu havia aprendido quando Alejandro me violara era que eu não podia confiar plenamente em ninguém. Não importava a ocasião, eu estava sempre sozinha e precisava conseguir cuidar de mim mesma, custe o que custasse.

Peguei um alfinete na minha calça jeans, apenas um adereço que eu achei um tanto bobo e que me fincava, porém naquela ocasião eu não poderia estar com roupa mais útil. Com esse

pequeno pedaço de metal eu comecei a pressionar a fechadura da algema.

— O que ela estava dizendo, Coringa? — insistiu meu pai sem prestar atenção em mim.

— Ela nos pegou desprevenidos e ela é uma boa atiradora, nada que você já não saiba.

— Esse cagão que você chama de braço direito ficou apavorado.

— Cal a boca, piranha!

— É fácil xingar enquanto eu não estou armada. — Ouvi o click da algema se abrindo, porém permaneci falando para que eles não notassem que eu havia me soltado.

Olhei em volta, Hector, Muralha, meu pai, o Coringa e mais cinco outros capangas. Eles não me subestimavam tanto quanto eu gostaria e as chances ao meu favor estavam longe de serem as melhores. Se quisesse sair ilesa dali eu precisava de mais do

PERIGOSAS NACIONAIS

que uma boa pontaria e agilidade.



PERIGOSAS ACHERON

Quatorze

Meu
pai e

Coringa pararam de estranhar um ao outro e rosnar como dois cães ferozes furiosos e voltaram a sua atenção para mim. Foi quando eu senti um calafrio e percebi que o jogo havia virado e eles tinham se recordado de que era a mim que queriam. A polícia tinha chegado neles por minha causa. Talvez sem o meu depoimento e as minhas provas os federais nunca teriam conseguido prender o meu pai. O brilho nos olhos deles me fez perceber que provavelmente tivesse se recordado disso.

— Achei que você, logo você seria a última pessoa a me trair. Afinal é a minha filha e devemos tudo a família.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Parece que quando é conveniente para você magicamente se recorda de que somos família, né?

— O que eu fiz para que decidisse nos trair?

— O que não fez? Não foi o meu pai, não me protegeu e não me apoiou quando eu mais precisava. Me jogou nas mais diversas armadilhas e deixou que abusassem de mim.

— Eu te tornei forte.

— É essa a desculpa que te faz dormir à noite, seu filho da puta?

— Mata ela logo! — gritou o Coringa. — Apaixonou pela pica daquele policial e não consegue mais pensar direito.

— Ao menos ele não é um viciado como a mãe do Hector e a minha. Ah, não eu me esqueci: minha mãe era uma viciada, a do Hector era uma prostituta. Já se perguntou quantos paus entraram nela? Será que o Hector é mesmo o seu filho?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cala a boca! — Ele deu um soco na minha cara com toda a fúria.

Gritei com a dor que varreu o meu rosto e a minha cabeça tombou para trás. Precisei conter muito para não me soltar e não voar no pescoço daquele filho da puta. Eu não poderia me libertar em um momento que não era adequado ou as minhas chances de sair dali seriam nulas. Enquanto ninguém apontasse a arma na minha direção eu ainda tinha o jogo no meu controle.

— Fala desse jeito da sua mãe, mas mal ficou com você.

— E isso não a torna melhor, torna?

Olhei em volta enquanto meu pai cerrava os dentes. Fora ele e o Coringa, o mais perto de mim era o Hector, e eu me perguntei o quanto precisaria ser rápida para me soltar, pegar a arma dele e o usar como escudo para ganhar alguma vantagem contra

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o meu pai e os outros. A minha chance de sucesso pareceu baixa até que eu ouvi o som de carros e um dos capangas veio correndo em nossa direção, desesperado e ofegante, parecia prestes a tropeçar nos próprios pés

— Os federais!

— Como assim? — Meu pai ficou boquiaberto.

— Os federais chegaram!

— Porra! Como assim, caralho? — Coringa começou a esbravejar. — Eles não sabiam onde ficava esse lugar. Não tem nenhum rastro até aqui.

— A não ser que tenham seguido a placa do carro que trouxemos a Patrícia. Tipo eles fazem nos filmes, sabe. — Hector deu de ombros.

— Seu estúpido! — Coringa começou a passar a mão pelos cabelos ralos, os poucos fios que ainda mantinha na cabeça. — Precisamos sair daqui.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Deixei que a algema caísse no chão, aproveitando o desespero que havia se instaurado e girei para o lado, puxei a arma que Hector havia tomado de mim e apontei para a cabeça dele.

— Vocês não vão a lugar nenhum.

Meu pai e Coringa sacaram as suas armas, mas eu mantive o corpo do Hector entre mim e eles, pronta para usá-lo como um escudo se preciso fosse.

— Solta o meu filho, piranha! — gritou o Coringa tentando mirar em mim, mas tudo o que ele conseguia era focar o peito do próprio filho.

— Calma, pai! Ela é louca, vai acabar me matando.

— Solta ele, Patrícia, podemos voltar a ser como antes se me disser que está arrependida. — Meu pai abriu um sorriso amistoso ao tentar negociar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nós dois sabemos que nada mais vai ser como antes. Enquanto eu estiver viva vocês vão ficar tentando me matar.

— Você traiu a gente, caralho!

— Acho que faria isso de novo...

Sorri ao ver o Lucas entrar no galpão acompanhado de outros policiais. Ele tinha o corpo curvado e andava com uma arma apontada para frente. Confesso que achei ele muito sexy com aquele uniforme de federal e com o colete a prova de balas apertado.

— Eu vou voltar pra cadeia de novo, mas isso não vai ficar barato para você — rosnou meu pai para mim.

— Não pai, você não vai para a cadeia. Porque enquanto estiver vivo eu nunca vou ter paz e nem conseguir ser feliz.

Ouvi o som do gatilho da arma que eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

segurava ser disparado e tudo em volta ficou em completo silêncio até que a bala atravessou a distância até o corpo do meu pai e ele tombou no chão, com um tiro no meio do peito.

Involuntariamente eles dispararam na minha direção e eu me encolhi atrás do Hector enquanto as balas iam furando o seu peito. Seu próprio pai levou alguns segundos para entender o que havia feito e parasse de atirar.

— Hector!

— *Pro* chão! Todos *pro* chão! — Lucas chegou atrás do Coringa e ele caiu de joelhos, em meio ao choque e as lágrimas de ter matado o próprio filho.

Eu empurrei o corpo furado como uma peneira para o lado, sentindo as minhas pernas tremerem e meus nervos prestes a entrar em colapso. Depois da chuva de balas mal podia acreditar que não havia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me ferido, por sorte, nenhuma havia atravessado o corpo de Hector.

Lucas parou na minha frente enquanto eu via a raiva nos seus olhos verdes. Ele estava furioso comigo e eu não podia tirar sua razão.

— Me desculpa...

— Desculpa? — Ele ergueu uma sobrancelha e eu estremeci. — Porra, Patrícia! Eu imaginei que você tivesse morrido.

— Mas ela está bem, não está? — Suzana parou do lado dele e guardou a arma junto ao coldre que mantinha na cintura. Ela me abriu um sorriso ao qual eu retribuí.

— Estou.

— Seu pai... — Suzana virou a cabeça para o corpo jogado a poucos metros de nós.

— Morto. — Olhei com desdém para o corpo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Legítima defesa, eu imagino.

— Sim. — Assenti. Eu tinha defendido o resto da minha vida da sombra pesada de perseguição que meu pai colocaria sobre ela.

— Bom, um julgamento a menos. Vou deixar vocês sozinhos. — Ela se afastou.

— Eu estou muito puto com você. — Ele me segurou pelos ombros.

— Eu sei. — Abaixei a cabeça.

— Mas eu estou ainda mais feliz em saber que você está bem. — Ele ergueu meu rosto pelo queixo e me beijou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Quinze

Ergui
minha
cabeça

do ombro do Lucas assim que a viatura da polícia parou diante de um prédio na zona leste. Eu nunca havia estado naquele lugar, porém a forma como Lucas sorriu ao descer do carro e apertou meus dedos entre os seus me fez pensar que ele estava muito contente por estar ali.

— Obrigado, Otávio. — Ele se debruçou no carro e se despediu do policial que havia nos trazido até ali.

— Tenha uma boa noite, cara! Sei que os últimos meses foram bem difíceis para você.

— Valeu. — Lucas deu uma batidinha na

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

lateral do carro antes do cara dar partida e ir embora.

— Que lugar é esse? — Subi os três degraus da portaria para acompanhá-lo.

— Minha casa, a nossa casa.

— Quê? — Franzi o cenho.

— Meu apartamento.

Chegamos à portaria e o Lucas cumprimentou com um aceno de mão o porteiro.

— Estava sumido, cara.

— Foram dias complicados, Arnaldo, mas eu estou de volta.

— Quem é a moça? — O porteiro abaixou o jornal que estava lendo e olhou para mim dos pés à cabeça, eu esperava que não tivesse manchas de sangue depois de tudo o que eu havia passado.

— Minha noiva. — Lucas me abraçou pelos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ombros e sorriu.

— É um prazer conhecê-la, moça.

— Muito obrigada! — devolvi o sorriso gentil que ele me dirigia.

— Vamos subir. — Lucas me puxou pelo pulso na direção do elevador.

— Até mais, Arnaldo. — Acenei ao deixar que o Lucas me arrastasse.

Subimos de elevador até o oitavo andar e saímos diante de um corredor com quatro portas. Havia um vaso de planta em um canto e Lucas se ajoelhou diante dele e começou a procurar algo em meio a terra.

— O que você está fazendo? — Parei ao lado me escorando na parede.

— Procurando a chave. Falei para minha irmã sempre deixar aqui, não acredito que ela levou com ela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você tem uma irmã, né? — Cruzei os braços, ao franzir o cenho. Me lembrava dele ter comentado vagamente sobre ter uma irmã.

— Sim, tenho uma irmã e dois irmãos. — Ele finalmente achou a chave e começou a bater a terra dela antes de abrir a porta.

— Quando pretendia me contar isso? Me falar sobre a sua vida?

— Não tivemos muito tempo para conversar desde que seu pai estava tentando nos matar.

Entrei no apartamento assim que ele abriu a porta e duas bolinhas de pelo vieram em nossa direção e pularam nele. Miando. Lucas pegou no colo os gatos que escalaram a calça dele e começou a fazer carinho nos bichinhos. Eles miavam, ronronavam e esfregavam a cabeça nele.

— Ei, meninos! Eu também senti saudades de vocês. Estão bem?

PERIGOSAS ACHERON

— Você também tem gatos? — Comecei a rir.

Fiquei me perguntando o que mais eu não conhecia do Lucas, ao me aproximar e fazer carinho na cabeça de um gato branco que tombou para o lado e começou a me lambar. Pensar naquilo me aterrorizou, havia aceitado me casar com um cara e engravidado dele, mas mal sabia o seu nome. Tirando o fato de que o Lucas trabalhava para a polícia federal, eu não sabia mais nada ao seu respeito.

— Tem cachorros também?

— Não. — Ele deixou que os gatos descessem do seu colo. — Só tenho o Algodão e o Tigre.

— Então daí veio o seu apelido.

— Acho que sim.

Olhei em volta. Por mais que ele morasse sozinho, a sala do apartamento era bem espaçosa, havia uma estante com livros, televisão e um

videogame, além de várias fotos com pessoas que eu não conhecia, provavelmente a família dele.

— Esses são seus pais? — Puxei um porta-retratos de uma mesa de canto. Nele havia o Lucas mais jovem e um casal que se parecia com ele.

— Sim. Eles morreram num acidente de carro quando estavam vindo de Piracicaba durante o natal.

— Eu sinto muito. — Devolvi a foto para o local. Realmente sentia, esperava que a relação do Lucas com os pais dele fosse bem melhor do que a minha. Ninguém merecia um pai como eu tive.

— Como você está se sentindo? Caminhou na minha direção e colocou as mãos em volta dos meus ombros.

— Estou com fome.

Ele deu um meio sorriso e balançou a cabeça em negativa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não deve ter nada na geladeira, vou ligar para um delivery e pedir alguma coisa. O que você quer?

— Pode ser pizza.

— Certo. — Ele se afastou e foi até um telefone em um canto da sala e fez uma ligação.

Enquanto isso eu caminhei até o sofá e me sentei nele, ouvindo o som dos carros que passavam de um lado para o outro na avenida lá embaixo.

— Patrícia — Ele suspirou antes de me encarar. —, só de pensar que você poderia ter morrido...

— Mas eu não morri — interrompi o seu discurso antes que ele prosseguisse. — Meu pai está morto e é isso que importa. Para quê ficar pensando nas consequências do que poderia ter acontecido, mas não aconteceu?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Podia...

— Já pensou que se eu fosse homem você seria gay?

Ele revirou os olhos e fechou a cara.

— Estou falando algo sério aqui.

— Mas é uma probabilidade que não importa mais. Já acabou, eu estou aqui, nós estamos aqui.
— Encarei ele profundamente. — É isso o que importa.

— Tem razão! — Lucas me encarou e o seu olhar preocupado se transformou no de um felino.

Ele me pegou pela cintura e me pressionou contra a parede. Eu estremeci e fechei os olhos, sentindo um calafrio varrer o meu corpo.

— Você está aqui agora...

— Estou.

Mordeu meu pescoço antes de tomar os meus

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

lábios. Eu me espichei e retorci contra a parede quando sua mão firme apertou a minha cintura. Seus lábios pressionavam os meus com urgência e a sua língua procurava a minha com selvageria e ferocidade. Ele passou todo o seu pavor e desespero em sua saliva em meio aquele beijo. Eu podia saber muito pouco da vida real do Lucas, mas de uma coisa eu tinha total certeza, ele me amava e a possibilidade de que eu tivesse morrido o deixou louco.

Ele me pegou no colo e empurrou para o lado uma garrafa de uísque antes de me sentar em um aparador num canto da sala. Meu coração disparou com as mãos dele abaixando a minha calça jeans junto com a minha calcinha. Lucas estava desesperado, ofegando e tremendo. Deixou seu estado de espírito ainda mais evidente quando baixou as calças e me invadiu sem qualquer cerimônia.

PERIGOSAS ACHERON

Envolvi o seu pescoço com os braços e agarrei a sua nuca com meus dedos. Puxei seu cabelo por reflexo e gemi quando ele me penetrou novamente. Lucas estava aflito e seu corpo buscando o meu sem clemência, sua cintura me pressionando contra a parede e seu pau escorregando em mim com bastante resistência por eu ainda não estar molhada o suficiente deixava isso bastante claro. Lucas se agarrava ao meu corpo com ferocidade para provar a si mesmo que eu estava bem, estava segura.

— Eu amo você, me desculpa. Está tudo bem agora. — Pressionei meus lábios contra a orelha dele e sussurrei.

Lucas voltou a me beijar, dessa vez com mais carinho e eu senti como meu corpo vibrou com isso. Abri um pouco mais as pernas e ele enfiou fundo. Gemi enrolando os cabelos dele no meu dedo e rebolei contra o móvel onde estava sentada.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele me estocava, me pressionava e me apertava e eu gemia, levada pela inegável sensação de prazer que tomava o meu corpo em contato com o dele.

Eu o puxei pelos cabelos e o trouxe para mim em uma ânsia de manter nossos lábios tão próximos quanto os gemidos nos permitiam. Eu torci as pernas ao redor da sua cintura e me agarrei a ele enquanto Lucas nos levava ao orgasmo. Quando ele gozou, não precisou de mais do que duas estocadas para que eu me juntasse a ele.

Assim que nos recuperamos da onda do mais profundo prazer. Ele me pegou no colo e me carregou até o banheiro, para que eu pudesse me lavar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Dezesseis

Assim que
eu
terminei

a terceira fatia da pizza e empurrei a caixa para o lado, Lucas me encarou.

— O que achou do apartamento?

— Como assim? — Apoiei meus cotovelos na mesa e devolvi o seu olhar questionador.

— Imagino que irá morar comigo aqui. Se não gostar podemos vender esse e comprar outro.

— Eu vou? — Me fiz de desentendida. — Não sei se gosto, ainda não vi a cama.

Lucas gargalhou.

— Não seja por isso. — Ele se levantou da

PERIGOSAS NACIONAIS

mesa e me estendeu a mão para que eu o seguisse.

Fiquei observando a sua bunda linda e malhada se mover enquanto ele caminhava pelo corredor até abrir a última porta antes da do banheiro. Depois de todo o medo dos últimos dias, eu nem tive tempo de olhar para ele com tesão como estava fazendo naquele instante. Sorri ao dar um tapa na bunda dele.

— Ei! — Ele deu um pulinho de susto enquanto abria a porta do quarto.

— Você é gostoso para caramba sabia.

— Você também é. — Ele se virou para mim e me deu um beijo.

Observei o quarto. Uma grande cama com a colcha um pouco bagunçada, provavelmente pelos gatos. Um guarda roupa e uma cômoda com uma televisão. Não era do tamanho do meu antigo quarto, mas...

PERIGOSAS ACHERON

— Parece bom *pra* mim. — Dei de ombros.

— Parece? — Ele me envolveu pela cintura.

— Quero ver para onde você vai quando brigarmos.

— Se você não tomar nenhuma outra atitude imprudente nós não vamos brigar. — Lucas passou a mão pelo meu cabelo bagunçado e colocou uma mecha atrás da orelha.

— Sabe que isso é exigir demais de mim, não é? — Brinquei com ele.

— Quando você me irritar pode ir para o quarto do nosso bebê. — Ele abriu uma porta do lado e tudo o que eu vi foi um monte de caixas e aparelhos de ginástica. — Ainda bem que temos sete meses para arrumar as coisas.

Ri da careta que ele fez.

— Precisamos saber qual o sexo para pintar as paredes. — Fiquei empolgada ao pensar na
PERIGOSAS ACHERON

possibilidade.

Lucas colocou as duas mãos sobre a minha barriga.

— Porque não colocamos uma cor neutra, tipo amarelo ou verde?

— Nada disso! — Cruzei os braços. — Quero o quarto rosa ou azul, móveis brancos e a roupa de cama rosa ou azul também. Ali pode ficar uma prateleira de brinquedos. — Apontei para a parede do fundo.

— Você sabe que eu ganho muito menos como policial federal do que você ganhava como traficante, né?

— Relaxa! Eu não vou levar você a falência só montando um quarto. Além disso, eu pretendo trabalhar.

Ele arregalou os olhos e ficou boquiaberto, não imaginava que aquela fala fosse deixá-lo tão

surpreso.

— Está falando sério?

— E porque não falaria? Você não quer que eu ande na linha? É a melhor forma de fazer isso.

— Sabe que não vai poder matar seu chefe ou os fornecedores se eles irritarem você, *né?*

— Sério? — Curvei o rosto para baixo, fingindo desapontamento.

— Patrícia!

— Eu estou só brincando, pode deixar que eu opto pela agressão. A pena é menor.

Ele passou as mãos pelos cabelos escuros e respirou fundo. Eu gostava de provocar o jeito certinho e todo dentro das regras que o Lucas não conseguia negar, mesmo quando estava fingindo ser um bandido. Lucas sempre acabava metendo os pés pelas mãos e demonstrando que queria fazer as coisas pelo jeito lícito. Se eu tivesse sido um pouco

PERIGOSAS ACHERON

mais esperta teria percebido que ele estava me enganando desde o início, porém era bem provável que eu tivesse me deixado enganar porque queria ele na minha vida.

— Vamos encontrar um emprego onde você não possa agredir ninguém.

— Conto com a sua ajuda para isso — gargalhei.

— Estou contente por você estar segura agora.
— A postura e o tom de voz do Lucas mudaram, não estávamos mais brincando.

— Eu não teria tanta certeza. — Por quê? Seu pai está morto. Ele não vai mais vir atrás de você.

— O Coringa ainda está vivo. É provável que eu precise depor contra ele. Praticamente matei o filho dele hoje, não acho que vá deixar isso barato.

— Não se preocupe. — Ele me beijou na testa.
— Vou garantir que ele não escape da cadeia. Não

novamente.

Lucas beijou a minha testa e eu tentei não me importar, ao menos não enquanto eu podia fingir que tudo ficaria bem e que eu finalmente viveria o meu felizes para sempre.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Dezessete

Alguns meses depois...

— **V**ai dar tudo certo. — Lembrei do abraço que a Suzana me deu naquela mesma manhã antes de respirar fundo e entrar para depor no auditório do tribunal.

Assim que as portas de madeira foram abertas eu entrei com o público olhando para mim e murmurando uns com os outros. Sabia que muitos ali deveriam me odiar pelo que eu representava, mas estava disposta a mostrar para eles que tinha mudado, ao menos queria mudar.

A minha vida ao lado do Lucas tinha me mostrado possibilidades e uma felicidade que até então eram impensáveis na minha vida. Meu pai

PERIGOSAS ACHERON

nunca tinha me dado escolhas, quando eu nasci ele já era um traficante, mas agora, com ele morto, eu podia decidir quem realmente queria ser.

Isso começava com querer ser mãe. A caricieei a minha barriga no instante em que sentei para depor após ter jurado sobre a bíblia dizer somente a verdade.

Olhei para o Coringa sentado no banco do réu e ele mostrou os dentes para mim, mas eu não me amedrontei. Ele estava longe demais para conseguir me morder. Eu tinha as regras daquele jogo e estava disposta a jogar contra ele.

— Você é filha de Henrique Medeiros, conhecido como o Camaleão? — O promotor de justiça parou na minha frente ao me fazer a primeira pergunta.

— Sim. — Senti o bebê, um menino, começar a se mexer na minha barriga e me ajeitei no banco,

tentando encontrar uma posição confortável.

— Você participava de todo o esquema de importação e tráfico de drogas aqui no Brasil do qual seu pai era o principal responsável?

— Participava. Eu sabia de tudo.

— Esse homem aqui, Francisco Júnior Salgueiro, conhecido como o Coringa ele era um dos chefes?

— Sim. Ele era o braço direito do meu pai, o vice-presidente de todo o esquema.

— Cala a boca, sua piranha traidora! — Coringa se levantou da sua cadeira e começou a rosnar em minha direção. — Você matou o meu filho!

— Você matou seu filho, não eu. Foi você quem atirou nele. Eu só estava me protegendo dos tiros atrás dele.

— Você vai pagar! Eu vou te matar também!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Advogado, contenha o seu cliente — ordenou a juíza.

— Fique quieto ou só vai prejudicar a si mesmo. — O advogado olhou feio para o Coringa, mas ele não parou de babar como um cão furioso.

— Prossiga, promotor. — A juíza fez um gesto com a mão.

— Não tenho mais perguntas, meritíssima. O depoimento completo que a testemunha deu a polícia federal e as provas fornecidas por ela foram adicionadas aos autos para que todo o júri possa averiguar.

— Alguma pergunta, delegado?

O homem olhou para o Coringa antes de se dirigir a juíza.

— Não, meritíssima.

— Sendo assim a testemunha está dispensada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu me levantei para sair do tribunal, mas assim que cheguei o mais perto do Coringa possível no ele se levantou e agarrou meus pulsos.

— Eu vou matar você, piranha! Eu vou te torturar e fazer você sangrar até que se arrependa de tudo o que fez conosco.

— Eu vou garantir que você apodreça na cadeia para nunca ter a oportunidade de tentar — disse antes que os policiais os pegassem pelos ombros e o levassem para bem longe de mim.

Segui o caminho para fora fingindo que nada tinha acontecido.

— Você está bem? — Lucas me envolveu em seus braços assim que eu cheguei ao corredor.

— Estou. — Assenti com um movimento de cabeça e dei um breve selinho nele. — Sabe quando eu comentei com você sobre ir para faculdade?

PERIGOSAS ACHERON

— Sim.

— Eu vou fazer direito e garantir que o Coringa os outros apodreçam na cadeia.

— Fico feliz. — Ele abriu um largo sorriso. — Ainda tenho algumas apostilas da faculdade lá em casa, pode começar a estudar hoje mesmo.

— Obrigada, Lucas! — Eu me atirei nos braços dele e o beijei.

Boa parte da mulher que eu estava me tornando após deixar o sombrio mundo do meu pai para trás se devia ao Lucas. Ele poderia ter entrado na minha vida das formas mais controversas possíveis. Mesmo que no início tenha parecido que ele queria me ferrar, ele acabou me ajudando mais do que ninguém.

— Você já está liberada. — Ele entrelaçou os dedos nos meus. — Vamos embora?

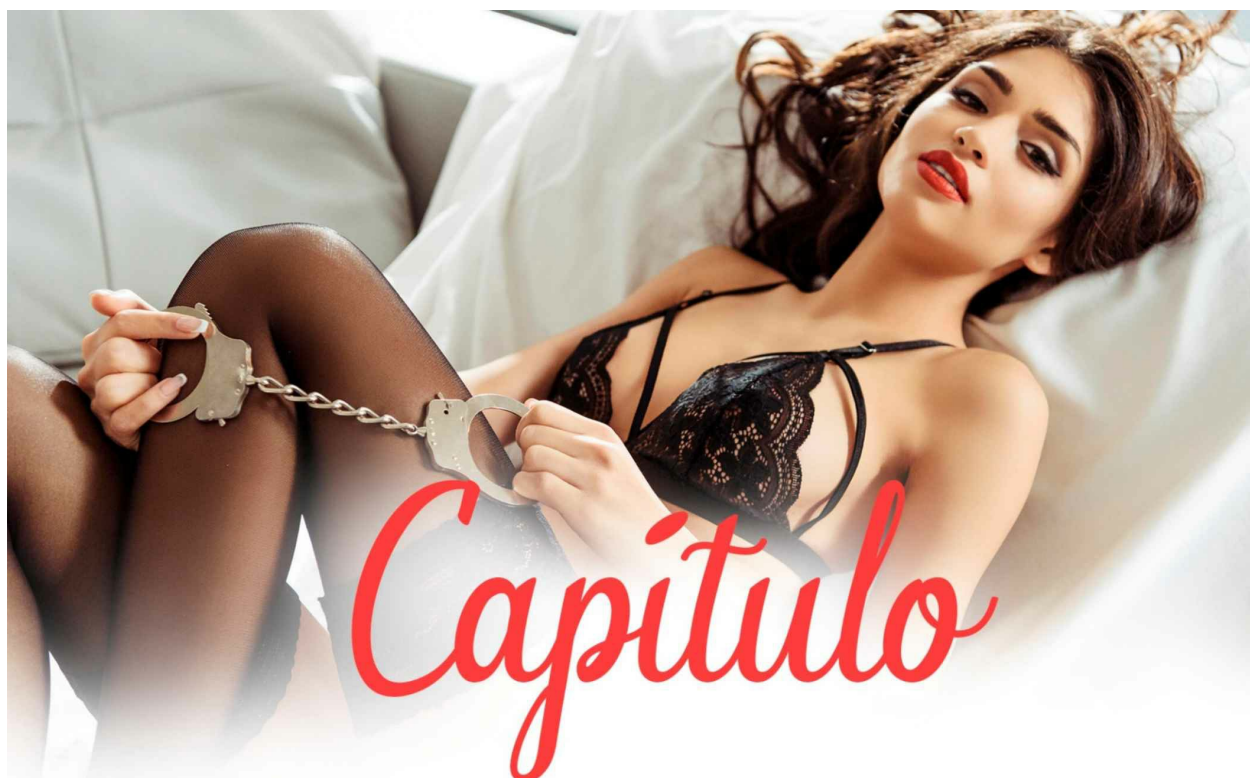
— Sim. Vamos para casa. — Sorri para o meu

PERIGOSAS NACIONAIS

marido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Epílogo

Dez anos depois...

Joguei uma pasta sobre a mesa e fiz o homem sentado do outro lado arregalar os olhos.

— Quatro anos de redução de pena e a ida para o regime semiaberto se entregar para nós o nome dos caras por trás de todo o esquema distribuição no interior de São Paulo. É o melhor acordo que você vai conseguir.

— Ouvi dizer que você já esteve do outro lado, promotora. — Ele cruzou os braços e me encarou, ignorando a câmera que havia entre nós dois.

— Sim, eu estive. — Puxei a cadeira e me

PERIGOSAS ACHERON

sentei diante dele.

— E você entregou todo mundo?

Balancei a cabeça em afirmativa.

— Tudo o que eu posso dizer é que é libertador deixar toda essa merda para trás e tentar ser uma pessoa melhor enquanto podemos. Você tem filhos, Yuri?

— Uma garotinha.

— Quer que ela se orgulhe de você? Então assine este papel.

Ele engoliu em seco, puxou a pasta do meio da mesa, abriu e assinou.

— Essa é melhor escolha que podia fazer.

Assim que eu acompanhei o depoimento dele feito a uma policial eu me levantei e sai da sala. Quando pisei no corredor alguém chocou o ombro no meu e eu dei uma cambaleada para trás ao me

equilibrar no meu salto agulha.

— Cuidado onde anda, delegado!

— Desculpa, promotora.

Ele se virou para mim e sorriu. Aquele belo e charmoso sorriso pelo qual eu era apaixonada há tantos anos. Lucas já não era mais tão jovem, na altura dos seus quase quarenta anos, ele já tinha os cabelos salpicados de branco, mas isso só o deixava ainda mais atraente. Vestido de preto e ostentando o distintivo de delegado preso ao cinto da calça, ele estava radiante. Ainda bem que, após a morte do meu pai, eu havia deixado de lado a estúpida ideia de tentar fazer com que ele saísse da polícia, porque metade da vida dele era aquele lugar e a outra metade a vida que havíamos construído juntos.

— Ficou sabendo que o coringa morreu na cadeia ontem?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim. — Não consegui conter o sorriso que tomou meu rosto. — É muito cruel da minha parte ficar feliz com isso.

— Nem um pouco. Mas acho que ele merecia ter apodrecido um pouco mais lá. Se suicidar só mostra que ele é um covarde.

Talvez que desejasse um fim pior para o Coringa, porém eu estava contente com a forma que tudo havia acabado. Desde que ele estivesse longe de mim e da minha família, estava bom para mim.

— Quem vai buscar as crianças na escola hoje? — Ajeitei meu terninho que havia girado com o impacto do ombro dele.

— Minha irmã. A Michele prometeu ao Matheus e a Sarah que os levaria para tomar um sorvete depois da escola e eles estão esperando por isso a semana toda.

PERIGOSAS ACHERON

— Sua irmã fica empanturrando-os de doces e depois eu que sou a mãe mala. — Torci os lábios.

— É só um sorvete, meu amor.

— Tá bem. Então isso significa que vamos ter alguns minutos sozinhos mais tarde?

— Ou algumas horas, talvez. — Ele abriu um sorriso travesso.

— Estou ansiosa. Nos vemos mais tarde então.
— Caminhei para fora do prédio da polícia federal, ainda precisava rever alguns documentos no Ministério Público antes de poder ir para casa.



Abri a porta de casa e coloquei a minha pasta em um móvel abaixo do interruptor antes de tocar nele para acender a luz. Assim que a sala se iluminou eu vi o Lucas sentado no sofá segurando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma taça de vinho.

— Foi um dia puxado? Você parece cansada.

— Posso suportar muitos dias como esse se quando chegar em casa você estiver me esperando.

— Tirei meus saltos e pisei no chão frio, respirando de alívio, pois meus pés estavam latejando.

— Eu sempre estarei aqui por você. Sempre.

— Lucas me entregou a taça de vinho e eu beberiquei.

— As crianças?

— Com a minha irmã.

— Numa noite de sexta-feira? — Sorri maliciosa ao colocar a taça de vinho ao lado da minha pasta e segurar a camisa do Lucas pelo colarinho.

— Eu não vi mal algum nela levá-los.

— Nenhum... — Passei a língua pelo seu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pescoço e percebi ele se arrepiar com o toque. — Sua irmã é um amor. Além disso, é bom os nossos filhos ficarem um tempo com o primo.

— E nos deixarem sozinhos?

— Não coloque palavras na minha boca, amor... — Comecei a desabotoar a camisa dele, botão a botão até finalmente escorregá-la pelos braços ainda musculosos. Mesmo com o passar dos anos, Lucas não havia deixado de lado os exercícios e eu gostava disso.

— Eu pretendo colocar muitas coisas na sua boca. — Sorriu malicioso.

— Safado. — Eu me ajoelhei, deslizando as unhas pelo seu peito.

— Você gosta disso.

— Tem razão, eu gosto muito. — Abri o seu cinto e o zíper da sua calça e ela caiu no chão, deixando-o só de cueca.

PERIGOSAS ACHERON

Enfiei a minha mão dentro da única peça que ele ainda vestia e extraí seu pau latejante de lá. Meu corpo vibrou e eu senti vontade de esfregar uma perna na outra com o desejo. Contornei com os dedos a base do seu pau e ele pulsou entre os meus dedos enquanto o Lucas dava um gemidinho. Rocei meus lábios na cabeça e ele fechou os olhos e agarrou meus cabelos. A forma como ele reagiu a minha carícia, ainda que delicada fez com que o desejo que pulsava dentro de mim, mais especificamente entre as minhas pernas, se tornasse ainda maior. Envolvei ele com os lábios, sentindo o seu gosto no tato da minha língua, e Lucas gemeu. O estimulei antes de começar a introduzi-lo dentro da minha boca. Quando comecei a escorregar meus lábios por toda a sua extensão, Lucas agarrou os meus cabelos e me incentivou a continuar. À medida que o chupava eu sentia o desejo entre as minhas pernas começar a crescer

desenfreadamente. Eu queria cada vez mais dele. Eu o desejava dentro de mim amenizando aquela ânsia que pulsava por ele.

— Para! — Ele puxou a minha cabeça para trás.

— Já está arregando?

— O que eu posso fazer se você tem uma boca maravilhosa. Vem, levanta! Vamos para o quarto. Matheus tem a chave, as crianças podem aparecer a qualquer momento.

— Tá. — Torci os lábios. Eu amava demais aqueles pestinhas, mas às vezes era um saco controlar o sexo para que eles não vissem os pais transando.

Peguei as roupas do Lucas que havia deixado pelo chão e o segui pela escada até o nosso quarto. Depois do nascimento da Sarah fomos obrigados a nos mudar para um lugar maior e acabamos

optando por uma casa em um condomínio fechado.

Assim que passamos pela porta, Lucas a trancou atrás de nós e me olhou com aquele ar de tigre que estava prestes a me devorar como na primeira vez que transamos.

— Fica de quatro!

Atendi a sua ordem sem hesitar. Dobrei o meu corpo na cabeceira da cama e empinei minha bunda na direção do Lucas. Ele me deu um tapa que estalou e fez todo o meu corpo vibrar e eu esfreguei as coxas uma na outra, tentando inutilmente conter o desejo que crescia ali. Meu marido subiu minha saia e baixou a minha calcinha antes de se posicionar atrás de mim. Ele esfregou o pau duro na minha vagina enquanto se curvava para abrir a minha camisa e eu gemi alto, sentindo o próprio fogo.

Lucas tirou a minha blusa e meu sutiã, me

deixando com a calcinha abaixada e a saia enrolada na cintura. Ele puxou meu cabelo e beijou o meu pescoço no instante em que me penetrou. Revirei os olhos e me agarrei a um travesseiro.

Logo que ele começou a se mover, com uma mão no meu cabelo e a outra na minha cintura, eu esfreguei a minha bunda nele, pedindo para que fosse mais fundo. Com a boca semiaberta, entre ofegos e gemidos, eu me deixei gemer como não fazia a muito tempo, aproveitando o fato dos nossos filhos não estarem em casa.

Lucas me puxou pelo cabelo e eu fiquei de joelhos, rebolando em movimentos circulares no seu pau enquanto ele beijava e mordida meu pescoço. Ele respondia a cada um dos meus gemidos tentando enfiar ainda mais fundo. Eu o sentia friccionando em mim e delirava com isso. A potência das sensações que me abraçavam era

intensa e deliciosa. O meu corpo colado no dele, meus quadris se movendo e os músculos dele se esticando para me preencher por completo. Nossa pele ficando suada e quente enquanto esfregava uma na outra. Aquela era a minha melhor definição de estar no paraíso. Era intenso, mágico e perfeito.

Lucas escorregou a mão pela minha barriga e colocou o seu dedo em cima do meu clitóris. Foi o seu golpe de misericórdia. Com o seu estímulo a mais e seu pau ainda em mim eu gozei em segundos.

— Geme, para mim — pediu com a boca na minha orelha. — Tem muito tempo que não posso te ouvir gritar.

Eu não me contive enquanto me derretia, deixando que o orgasmo me varresse da forma mais intensa e potente possível. Lucas apertou a minha cintura e deu uma, duas, três estocadas e todos os

PERIGOSAS NACIONAIS

seus músculos ficaram rígidos enquanto ele se esvaia para dentro de mim.

Assim que eu me recuperei. Peguei um rolo de papel higiênico que deixava sobre o criado mudo e me limpei. Depois disso, Lucas me puxou para o seu colo e eu me aninhei junto ao seu peito ouvindo o seu coração bater.

— Ainda não enjoou disso? — Ele beijou a minha testa.

— Do quê? Do sexo?

— É?

— E porque eu enjoaria? É a melhor parte de estar casada com você.

Lucas gargalhou.

— Você mudou em muitos aspectos. Mas eu adoro o fato de ainda continuar aquela safada louca que eu conheci naquele banheiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É? Muitos homens têm medo de quando as esposas gostam tanto de sexo, sabia?

— Não vejo problema algum. Na verdade, alimenta o meu ego e eu estou disposto a saciar todos os seus desejos.

— Gosto disso! — Eu o beijei, subindo em cima dele. — Que tal começarmos agora?

— Mamãe e papai, vocês estão em casa?

— Vamos ter que esperar eles dormirem agora. — Lucas girou para o lado e se levantou, procurando algo para vestir.

— Porque tem uma cueca do papai na escada?
— Ouvi a voz sempre questionadora de Sarah. A menina de quatro anos não deixava nada passar.

Merda! Eu provavelmente tinha deixado cair enquanto subíamos.

— Papai deixou cair da mala de roupas limpas que levo para o serviço, princesa.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu te amo! — Sorri para ele por ter sido mais rápido em pensar numa desculpa do que eu.

— Eu também te amo. — Ele acariciou o meu rosto antes de sair do quarto para cuidar dos nossos filhos.

Girei na cama e suspirei. Sem dúvidas aquele homem fora a melhor coisa que acontecera na minha vida.

Fim!

Conheça a história da delegada Suzana

O preço da verdade



link => <https://goo.gl/e4cpik>

Numa tarde comum de verão, a cientista Bárbara Lopes foi assassinada em seu próprio apartamento. A polícia local tem um único suspeito: o bem-sucedido médico que há anos a vítima chamava de marido.

Suzana é a detetive responsável pelo caso. Há dez anos trabalhando para a polícia, ela já conviveu mais com a morte do que qualquer

PERIGOSAS NACIONAIS

um gostaria.

O caso começa a se tornar pessoal quando a detetive passa a acreditar na inocência do suspeito e a encontrar ligações desse caso com o maior caso que já enfrentou e ainda sem solução: o assassinato do seu marido e filho.

A busca de Suzana pela verdade pode colocar em risco não apenas a sua carreira na polícia, mas também a sua própria vida.

PERIGOSAS ACHERON

Acompanhe mais informações sobre outros livros da autora no site e nas redes sociais.

Site da autora - jessicamacedo.com

Facebook - www.facebook.com/autorajessicamacedo/

Instagram - www.instagram.com/autorajessicamacedo/

Acompanhe a editora Portal em

<http://editoraportal.com.br/>

Outros livros da autora.

Romances contemporâneos

Um CEO enfeitiçado



link => <https://goo.gl/HX62bL>

Sinopse:

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela é uma mulher determinada, que tem um único objetivo: tê-lo aos seus pés.

Marcus Werner é o CEO de uma grande empresa de games. Dono de uma beleza sedutora e carisma ímpar, é o homem perfeito para as pretensões de Melissa, que está disposta a fazer de tudo para tê-lo.

Trabalhando como recepcionista na empresa, nunca foi notada até que consegue ir a uma festa e ter uma chance de ficar a sós com Marcus. A química entre eles é intensa e evidente. Melissa estava certa de uma ligação no dia seguinte, mas isso não aconteceu...

Chateada por tudo apontar para apenas o caso de uma noite, ela se vê desesperada e encontra em um cartaz na rua a única solução para tê-lo aos seus pés.

E a ligação acontece...

PERIGOSAS ACHERON

Nunca te esqueci



link => <https://goo.gl/aa7tGa>

Sinopse:

Aos prantos e com o coração despedaçado, Cíntia deixou sua casa, sua família e seu namorado e foi estudar em uma cidade grande.

Mas o destino estava prestes a surpreendê-la. Cíntia tentou, lutou com todas as forças para não se aproximar, não se apaixonar... Vitor era o completo oposto de tudo o que desejava. Um jovem mimado e rico, que a provocou, enlouqueceu e roubou seu coração.

Um amor proibido, uma união indesejada e uma gravidez

inesperada. Cíntia e Vitor imaginaram que poderiam viver juntos para sempre, que seriam eles contra o mundo. Mas corações serão partidos, promessas serão quebradas e todo o amor que viveram se tornará uma triste lembrança do passado da qual se negam a desistir.

Jéssica Macedo possui vários outros títulos na Amazon, confira!